Sabrina de Mesquita Carvalho

“Pobre e Admirável Favela”: discursos de valorização das favelas em meio à modernidade dos anos 20

Monografia apresentada como exigência do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro para obtenção do título de Licenciatura e Bacharelado em História.

Orientador: Dr. Prof. Romulo Costa Mattos

Rio de Janeiro

Dezembro de 2023

Para minha mãe Gracinha, por todo amor e apoio.

Agradecimentos

À minha mãe que sempre me incentivou e me apoiou durante toda minha graduação. Jamais esquecerei as lágrimas de emoção e as palavras de orgulho ao saber que havia ganhado a bolsa. Obrigada por estar ao meu lado em todos os momentos.

Às amizades que fiz durante a graduação, com quem ri, chorei, dividi angústias, medos e alegrias ao longo de toda minha formação. Com eles compartilhei meus momentos mais felizes, e sei que continuarei a partilhar mais alegrias.

Ao meu namorado que me incentivou e me deu força durante toda minha graduação. Escutou todas as minhas angústias e esteve ao meu lado em todos os momentos. Obrigada por sempre me apoiar e acreditar no meu potencial.

A todos os professores com quem tive o privilégio de estudar e fizeram parte da minha formação. Em especial ao meu orientador, Romulo Costa Mattos, que me orientou com tamanha dedicação e me auxiliou nessa trajetória. Obrigada por tamanho empenho e cuidado.

Ao professor Leonardo Pereira, que aceitou ser o leitor crítico da minha monografia.

À professora Juçara da Silva Barbosa de Mello e a todos os meus colegas do Programa de Educação Tutorial (PET-História). Assim como à professora Luciana Borgerth Vial Corrêa e meus colegas do programa de Residência Pedagógica (RP-História). Com eles dividi muitas alegrias e momentos de muito aprendizado para minha formação profissional.

À instituição de ensino PUC-Rio, por todo o apoio com alimentação e passagem, que contribuíram para minha formação. Um agradecimento especial aos funcionários do Departamento de História que sempre se mantiveram à disposição e empenhados em fazer do departamento um local acolhedor para os alunos.

A todos os momentos que vivi durante esses cinco anos de graduação.

Sumário

Introdução…… 6

Capítulo I – "Remodelar o Rio! Mas como? Arrasando os morros".... 13

1.1 Conceito de Modernidade, Civilização e Progresso…….. 13

1.2 Modernidade de Ruínas……..19

1.3 Favelas: o avesso da Modernidade…… 27

Capítulo II – "Um estilo que não se vê na Avenida Atlântica. É o estilo próprio e inconfundível da Favela"..... 30

2.1 Produção Social do Espaço e Representações……30

2.2 Favelas: um Produto Social Racializado……33

2.3 Favela: do discurso ao leitor…….. 39

Capítulo III – "A Favela é o Rio, mas o Rio integral, sincero, o Rio tal como Deus o fez!".....42

3.1 A valorização ainda tímida das favelas na primeira metade da década de 1920……42

3.2 Cidade, Nação e Favelas ……..47

3.3 Favela: um Deslumbre Exótico para o Estrangeiro……54

3.4 Favelas: Entre Tensões e Disputas…….61

ConsideraçõesFinais...……66

Referências Bibliográficas.……71

Fontes ..……79

Resumo

Em fins do século XIX e início do XX, as classes dominantes escolheram para a cidade do Rio de Janeiro o projeto de tornar o progresso e a modernidade os marcadores da civilização da cidade. Concomitante a esse processo de reconstrução, as favelas ganharam potencial destaque no cenário carioca como um entrave desse projeto. É nesse cenário de conflito e transformação que o presente trabalho se insere, num esforço de compreender o movimento de ressignificação das favelas e sua importância representativa durante um período de intensas disputas em torno das representações que dariam cara à capital republicana. Para além das representações pejorativas sobre esses espaços, procura-se analisar mais a fundo como os argumentos representativos de valorização das favelas foram utilizados, a fim de se pensar as construções simbólicas atribuídas àquele espaço durante a década de 1920. Dentro dessas delimitações, o trabalho de pesquisa tem como objetivo principal mostrar como esse processo de ressignificação das favelas aproximou os discursos de uma ideia de modernidade que, a partir da valorização daquele espaço, acentua certa popularidade e importância simbólica atrelada à presença negra. Para isso, serão analisadas, por meio da imprensa da época, as crônicas literárias sobre o local, mais precisamente, a forma representativa atribuída ao objeto desta pesquisa, que são as favelas.

Palavras-chave: Favela; Rio de Janeiro; Modernidade.

Abstract

At the end of the 19th century and beginning of the 20th, the dominant classes chose the project of making progress and modernity the markers of the city's civilization for the city of Rio de Janeiro. Concomitantly with this reconstruction process, favelas gained potential prominence in the Rio scene as an obstacle to this project. It is in this scenario of conflict and transformation that this work is inserted, in an effort to understand the movement of resignification of favelas and their representative importance during a period of intense disputes around the representations that would give face to the republican capital. In addition to the pejorative representations about these spaces, we seek to analyze in more depth how the representative arguments for valuing favelas were used, in order to think about the symbolic constructions attributed to that space during the 1920s. Within these delimitations the research work Its main objective is to show how, through this process of resignifying the favelas, the discourses came closer to an idea of modernity that, through the valorization of that space, accentuates a certain popularity and symbolic importance linked to the black presence. To this end, the literary chronicles about the place will be analyzed based on the press of the time, more precisely, the representative form attributed to the object of this research, which are the favelas.

Keywords: Favela; Rio de Janeiro; Modernity.

Introdução

Na passagem do século XIX para o século XX, o Rio de Janeiro, capital da República, continuava a exercer uma posição de grande destaque para o Brasil, como importante centro cosmopolita. Contudo, a virada de século, junto a todo ideal de progresso e modernidade presente no Brasil, indicava um processo de reconstrução da capital. Naquele momento, o mundo passava por uma onda de transformações cada vez mais rápidas, principalmente nos grandes espaços urbanos, capazes de modificar, inclusive, a própria percepção de tempo, tornando-o cada vez mais acelerado. Logo, se essas transformações são visíveis no espaço urbano, é importante pontuar que anteriormente perpassam o âmbito ideal e simbólico de construção desse espaço. Ou seja, a cidade está sujeita a implicações no seu espaço urbano que são atravessadas, por exemplo, por ideais de modernidade que constituem o espaço simbólico.

No início do século, as discussões em torno da compreensão de "modernidade" foi um aspecto central, justamente, pela necessidade do país ser devidamente reconhecido como um país civilizado. Logo, o Rio de Janeiro exercia um papel fundamental de vitrine do progresso para o mundo. Nesse propósito, teria que entrar no "ritmo da história", ou melhor, se transformar de fato numa cidade moderna e, portanto, civilizada - atendendo aos interesses econômicos e sociais das elites locais que buscavam, principalmente, prestígio social frente às demais civilizações europeias[1].

Tendo sido as reformas urbanas de Paris a maior inspiração desse processo, essa cidade torna-se um ótimo exemplo para a compreensão das transformações urbanas relacionadas às influências modernas. Afinal, assim como foi tido como projeto a reconstrução da cidade a partir da necessidade de se desvincular da imagem medieval de seu passado, podemos observar essa mesma necessidade de desvinculação com o passado presente aqui no Brasil, sobretudo, após a passagem da Monarquia para a República, entendida como um momento propício a inaugurar uma nova percepção temporal de modernidade, nesse caso, a partir da oposição ao seu passado colonial e monárquico. Diferentemente de Paris, o que distancia as relações estabelecidas acima é a própria diferenciação acerca da realidade histórica de cada país. O sentimento de atraso diante dos longos anos de escravidão na história brasileira coincidiu com os avanços decorrentes da

[1] MOTTA, Marly Silva da. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Norte Zahar, Ed. 2004.

revolução industrial e do capitalismo financeiro que se desenvolviam exponencialmente com o avançar das tecnologias[2].

Semelhantemente às reformas realizadas por Haussmann em Paris, a modernidade pensada e implementada para a cidade do Rio foi pautada nos serviços de higiene pública, para uma cidade limpa, bela e civilizada[3]. À vista disso, tais transformações implicam em uma "limpeza" direcionada às regiões onde os problemas sanitários seriam supostamente mais graves. Os locais com registro de aglomerações e condições de moradia insalubres seriam os principais alvos desse movimento. Os cortiços, onde havia muitos negros e ex-escravizados , eram uma alternativa de moradia para grande parte dos trabalhadores da cidade que buscavam se instalar próximos ao seu local de trabalho[4]. Ainda assim, foram alvos da reforma que pôs abaixo suas instalações, na primeira metade da década de 1900.

Em decorrência do grande aumento populacional da cidade do Rio e posteriormente das reformas urbanas, como consequência a cidade passou por uma grande crise habitacional. Conforme resumiu Romulo Mattos[5].

> Entre 1872 e 1890, o grande número de migrantes nacionais e estrangeiros que acorreu para a cidade fez com que a sua população passasse de 274.972 a 518.292 habitantes. Ou seja, em 18 anos ela cresceu 90%, a uma taxa anual aritmética de 5,0% e geométrica de 3,6%. No mesmo período, o crescimento do parque domiciliar foi inferior ao populacional, tendo se expandido em 62% e à taxa geométrica de 2,6% por ano. A decorrência desse processo foi a deterioração das condições habitacionais, observada no aumento da densidade domiciliar (7,3) e predial (10,8).66 Entre 1869 e 1888, o número de cortiços e estalagens passou de 642, com 9.671 quartos e 21.929 pessoas, para 1.331, com 18.866 quartos e 46.680 pessoas[6].

Com as reformas urbanas, a chamada era das demolições[7], os antigos habitantes dos cortiços e instalações coletivas precárias, expulsos da região central, tiveram de procurar novas alternativas de moradia. Essa população marginalizada e segregada da cidade moderna

---

[2] SEVCENKO, Nicolau. *A Corrida do Século 20 para o 21*. No loop da Montanha Russa. Ed, 2001.

[3] BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Ed, 1992.

[4] CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. Editora Companhia das Letras, 2018.

[5] MATTOS, Romulo Costa. *Pelos pobres! Campanhas pela construção de habitações populares e discursos sobre as favelas na Primeira República.* Tese (Doutorado em História)–Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

[6] ibidem, p.58

[7] ROCHA, Oswaldo Porto. *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento geral de Documentação e Informação Cultural, 1995.

teve que procurar outras formas de se manter próxima das regiões de emprego. Dentre as alternativas estavam a ocupação dos morros da cidade, a das casas de cômodo mais baratas, a da região portuária ou a ida para os subúrbios.

> Traçando as linhas gerais do impacto social da Reforma Passos, houve o aumento do desemprego e o estímulo às migrações. As demolições de cortiços e a proibição de melhorias nos mesmos (depois revogada) levaram ao crescimento dos subúrbios – cujo conceito foi ideologizado nesse período – e ao adensamento das freguesias pericentrais. Atraindo uma grande quantidade de força de trabalho, sem oferecer espaços para a sua reprodução, a política de Pereira Passos desenvolveu a sua própria negação, que foram as favelas. Enfim, a expansão dessas últimas fez parte de um desenvolvimento social e urbano desigual, que transferia para o trabalhador parte dos custos de sua reprodução e passava para adiante o recrudescimento da crise habitacional[8].

Após as reformas ficou mais evidente a segregação social entre as classes dominantes e as populares, sendo que esse processo seria ainda mais acirrado nos anos 1920. Luciana Corrêa do Lago afirmou que nessa década a área metropolitana do Rio de Janeiro se conformou num padrão de estruturação interna dicotômico em termos de condições de vida: "um núcleo criado para abrigar as camadas de alto poder aquisitivo que pudessem garantir a rentabilidade do capital público e privado investido em equipamentos e serviços urbanos, e uma periferia onde a omissão do Estado definiu seu conteúdo social"[9]. Durante todo esse período, principalmente em crônicas sobre visitas à favela, foram popularizados discursos referentes à cidade do Rio como sendo "duas cidades" supostamente distintas por suas realidades sociais e estruturais bastante distintas. Com isso, se delimitou também no plano das representações determinada noção de sobreposição entre uma camada da população mais favorecida, nesse caso, as elites locais, em detrimento da população menos favorecida, nesse caso, os trabalhadores. O morador da favela foi o "outro construído de acordo com o tipo de identidade de cidadão urbano que estava sendo elaborada"[10].

Nesse sentido, as reformas urbanas são claramente percebidas e direcionadas como um elemento de "modernidade" para as elites locais, que não compatibilizavam esse atributo com a população mais pobre e marginalizada, que não era vista como civilizada e, portanto,

[8] MATTOS, op. cit. 155.
[9] DO LAGO, Luciana Corrêa. *Desigualdades e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise*. Observatório IPPUR/UFRJ-FASE, 2000. p.62
[10] ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos. "Introdução". In: ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos. Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. p. 19.

representavam a "desordem" e a "barbarie". Logo, esses espaços entendidos como "marginalizados" se tornaram um problema para o horizonte civilizado e moderno que as elites visavam para a capital. "Se a ideia de ordem, até então, era definida pelo contraste com a desordem, agora havia um projeto que, ainda que vinculado ao embelezamento da cidade, demarcava com clareza os interesses políticos e econômicos do bloco dominante"[11]

Essas estruturas de dominância não mudaram significativamente da monarquia para a República, apesar das diversas transformações ocorridas nas últimas décadas do século XIX. Nesse sentido, Margarida Neves lembrou a permanência das "hierarquias que subordinam aos interesses e ao mando dos que imprimem direção à República" grande parte da população brasileira, além da exclusão das camadas pobres da arena política formal. No jogo de luzes e sombras, essa população com considerável presença negra ficaria subjugada, segregada e marginalizada na cidade. As marcas da escravidão dentro das estruturais sociais do pós-abolição tornaram-se um elemento completamente associado à concepção de patologia social da população negra.

O preconceito racial marca a realidade negra na cidade do Rio de Janeiro, muitas vezes em posição de inferioridade e marginalidade. Isso fica evidente quando observamos como é naturalizada a associação da população negra a aspectos negativos. Um exemplo claro são as Favelas, que desde seu início estiveram associadas a aspectos negativos como a violência e a marginalidade, atributos esses também atrelados à presença negra e à herança africana. Discursos como o das "classes perigosas", fortemente estigmatizados ao ambiente das favelas e a presença negra naquele espaço, evidenciam essa marca negra pela lógica da inferioridade como forma de justificar o discurso de anomia ou patologia social.[12]

Na década de 1920, avolumam-se os debates sobre a nacionalidade brasileira[13] e dentro desse cenário as favelas ganharam certo destaque representativo que acentuam aspectos positivos daquele espaço. Essa valorização é evidente em crônicas jornalísticas que partem da proposta discursiva de descrever como funciona a vida nos morros, desnudando curiosidades sobre as peculiaridades locais e como aquele espaço se organiza. A partir de crônicas como essas podemos perceber como esses argumentos são utilizados, buscando entender como se associam à ideia de modernidade e quais elementos estão em disputa para a

[11] RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; OAKIM, Juliana. *As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes*. 2015. pág. 26.

[12] O conceito de classes perigosas pode ser entendido por meio da seguinte sentença: "os pobres carregavam vícios, os vícios produzem os malfeitores, os malfeitores são perigosos à sociedade; juntando os extremos da cadeia, temos a noção de que os pobres são, por definição, perigosos". CHALHOUB, Sidney. Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 22.

[13] MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. 1992.

construção simbólica do local. Considerando que "os anos 20 foram responsáveis pela invenção daquilo que até hoje é chamado de carioca, daquilo que acabou se transformando na cara da cidade"[14], e que Rio de Janeiro e Brasil eram termos intercambiáveis entre os intelectuais da época, vale situar as crônicas sobre as favelas dentro do que Hobsbawm chamou de "tradições inventadas", sendo elas um fator importante na formação das identidades nacionais na modernidade: "um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas […], de natureza ritual ou simbólica, [que] visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado".[15]

Para desenvolver tais objetivos o presente trabalho será pautado na análise de crônicas escritas por intelectuais da época que descrevem o espaço das favelas através do veículo da imprensa. Aqui serão apresentadas e analisadas crônicas de Benjamim Costallat, Orestes Barbosa, Anibal Bonfim, Gonçalo Jorge, João Ribeiro, além da repercussão da visita de Filippo Marinetti ao morro da Favela. A partir do esmiuçar dessas crônicas a intenção é observar como os argumentos utilizados se associam à ideia de modernidade e constroem a partir daquele espaço social certa popularidade e importância simbólica para a cidade.

Para dar início ao desenvolvimento dessa pesquisa, se faz necessário, primeiramente, conceituar os termos civilização, progresso e modernidade de maneira que, posteriormente, possamos discutir as relações estabelecidas entre esses ideais e a reformulação do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, que vinha sendo construída como capital de uma nova institucionalidade, a República. Para isso, partiremos das reformas urbanas para pensar as implicações dessa "modernidade" na realidade urbana do Rio, na tentativa de compreender os processos vividos em certos espaços e a construção de ambientes de disputa com o passado.

O segundo capítulo parte da tentativa de discutir mais a fundo a própria compreensão conceitual de representações e pensar como elas constituem tamanha importância na formação de estigmas sobre a cidade. Por fim, ainda neste capítulo, o foco de análise da pesquisa será voltado para a análise histórica de construção representativa desses espaços marginalizados, dentre eles as favelas. Levando-se em conta, é claro, a dimensão racial que atravessa esses espaços.

---

[14] VIANNA, Hermano. "Prefácio". In: GARDEL, André. *O encontro entre Bandeira e Sinhô*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996. p. 11.

[15] HOBSBAWM, E. "Introdução: a invenção das tradições". In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9.

O terceiro capítulo tem por objetivo focar na relação entre as favelas e a valorização modernista sobre o local a partir da análise das crônicas selecionadas, atento à forma como os argumentos de valorização são utilizados e que elementos são associados ao espaço das favelas. Assim como, discutir acerca da popularidade das favelas com o estrangeiro e às problemática que cercam esses discursos em tom pejorativo. Com relação às fontes utilizadas nesta pesquisa, elas foram voltadas para o ambiente jornalístico da época, por ser um importante meio de comunicação e expressão de ideais na construção representativa e simbólica das favelas, principalmente a partir da afirmação de estereótipos. Dessa forma, cabe investigar ainda neste capítulo os possíveis interesses em torno das favelas e nos porquês de esse espaço ganhar tamanha popularidade representativa em meio a estigmas extremamente pejorativos desde sempre associados àquele espaço.

A hipótese é a de que a análise das crônicas desnuda como as favelas são associadas à presença negra também pelo viés de valorização daquele espaço como marcador de uma ideia de modernidade, porém, ainda de forma pejorativa, reduzindo esses espaços a dimensão do entretenimento e exotismo. Ao mesmo tempo que é construída é em torno delas uma dimensão simbólica de modernidade que, problematicamente, não possui pretensões consideravelmente concretas de preservação desses espaços no âmbito urbano, mas somente em sua dimensão simbólica e pela mão intelectual.

A realização dessa pesquisa, por sua vez, justifica-se em torno do esforço de tentar contribuir na compreensão histórica das favelas ao pensar nesses espaços para além da perspectiva negativa que a comporta como problema, sendo assim, o esforço é tentar compreender esses espaços por outras dimensões, nesse caso as de "valorização". De forma recorrente a problemática dos estigmas é amplamente debatida quando se trata de favelas, desde seu surgimento até a atualidade. Contudo, a problemática contém nuances que merecem certo destaque, como por exemplo os usos simbólicos desse espaço como um aspecto positivo ou atrelados a uma perspectiva de modernidade.

Pensar acerca da popularidade das favelas à vista de perspectivas positivas ainda na década de 1920 acaba por elucidar questões que ultrapassam aquele período histórico e vão ao encontro a elementos ainda bastante atuais. As questões norteadoras dessa pesquisa, que direcionaram essas abordagens de análise, vieram a partir de problemáticas ainda existentes no presente momento e vivenciadas constantemente por moradores de favelas que veem seus espaços de moradia sendo constantemente abordados de diversas formas. Compreender como esses processos representativos foram sendo ressignificados e se consolidando em torno de certas imagens criadas e reafirmadas durante a Primeira República, as quais ainda hoje são

propagadas no imaginário social da cidade (apesar de revalorizadas segundo cada contexto histórico), é mais um esforço inicial de contribuir para os estudos históricos sobre as favelas. Afinal, como moradora de favela percebo como ela é tratada diariamente pelos veículos de comunicação, tanto para sensacionalismo em torno da violência, quanto para valorização cultural desse espaço. Longe de cometer anacronismos, mas essas são tensões que ainda permanecem na atualidade quando o assunto são as favelas - cada qual com suas especificidades. Assim como hoje as favelas são midiaticamente entendidas de determinada forma, a partir de interesses ao mesmo tempo específicos e múltiplos, ao se fazer o exercício de voltar naquele tempo histórico podemos elucidar outras formas pelas quais as favelas eram significadas, assim como observar os interesses específicos por trás desses processos. Em suma, o presente trabalho de conclusão de curso tem a intenção de contribuir, ainda que de forma bem modesta e inicial, a esses estudos.

CAPÍTULO I - “Remodelar o Rio! Mas como? Arrasando os morros”… [16]

Neste capítulo nos aprofundamos na historicidade desses conceitos a partir da ideia de civilização. Ambos os conceitos se tornam importantes para a compreensão do período de análise dessa pesquisa, sobretudo em suas relações com a construção do espaço urbano da cidade do Rio. Para isso, a intenção é adentrar os estudos urbanos da cidade, a fim de pensar as reformas urbanas sobre a luz das influências modernas. Afinal, as reformas, desde o seu início, estão atreladas a uma ideia de modernidade, ou melhor, a uma escolha de modernidade que concebe os espaços urbanos e o utiliza de formas específicas, mas que ao mesmo tempo cria o seu avesso . Nesse sentido, o Rio “civiliza-se” à luz da modernidade. Ou apenas uma parte dele, porque as favelas, como frutos da crise habitacional que se configurava na cidade do Rio desde fim dos oitocentos, constituem-se no espaço urbano como o seu oposto e, por isso, um entrave aos planos republicanos para a cidade.

1.1. Conceito de Modernidade, Civilização e Progresso

“O progresso avança sempre, porque ele tornou-se um viajante universal, destemido e imperioso! (Modas, 11 de março de 1851).[17]

Civilização e Progresso são dois conceitos importantes na compreensão dos anos iniciais do século XX, na medida que estão atrelados às noções de modernidade que permeiam esta pesquisa. Afinal, se a percepção de progresso exprime a ideia de um “avançar” “destemido" e "imperioso” como no trecho acima citado, podemos estabelecer algumas relações com a própria ideia de “modernidade”. Portanto, de início partiremos da historicidade de alguns dos conceitos que serão trabalhados nessa pesquisa, começando pela compreensão de “Civilização”.

Descendente do Latim "civitas", o termo “civilização” faz referência àquilo que possui uma “alma nobre e espiritualmente elevada”. Mas também pode ser compreendido a partir dos comportamentos de uma pessoa que possui “civilis”, ações de alguém que possui a

[16] Lima Barreto. Revista *Careta*, 1920. Hemeroteca Digital.
[17] EWALD, Ariane P. *Tecnologia e progresso: tecnologia e progresso: o Brasil civiliza-se asil civiliza-se no século XIX*. Novas tecnologias, p. 70.

"alma elevada", ou seja, uma pessoa "polida, afável, cortês e refinada", de acordo com o surgimento de novas conotações do século XVIII[18]. Para o homem cortês;

> A importância da boa forma, a marca característica de toda 'sociedade' autêntica; o controle dos sentimentos individuais pela razão, esta uma necessidade vital para todos os cortesãos; o comportamento reservado e a eliminação de todas as expressões plebeias, sinal específico de uma fase particular na rota para a 'civilização'[19].

Segundo Norbert Elias, ainda no período renascentista são desenvolvidos códigos de conduta e comportamento que passam a ser observados e analisados. Esses códigos de certa forma condicionam o comportamento da elite local a fim de se relacionar com a ideia de "civilité", atribuindo um "bom tom" à forma como se portar e se difere do rústico e do campesinato. Já o termo "civilização" surge em meados do século XVIII como um advento do congênere francês "civilisation", não somente para designar a polidez, o cortês ou o refinado, mas também fazendo referência à ideia de desenvolvimento e progresso do homem. Essa ideia está relacionada a pensamentos típicos do Iluminismo, como o progresso material. Por isso, a palavra"civilização" emerge no século XVIII, e não antes, porque é neste momento que a sociedade europeia tem necessidade dela, em virtude da demanda instalada pelas novos conceitos que se faziam presentes no Setecentos"[20].

Esse desenvolvimento histórico conduzia o homem a um mundo sempre melhor "governado pela razão e a expansão", dando uma ideia de movimento característico de civilização de forma firme e constante sempre em superação[21]. Condorcet, na mesma linha de raciocínio, também enxerga esse desenvolvimento do "espírito humano" como uma busca constante e cada vez maior, atribuindo a razão como principal fundamento para esse crescimento e superação[22].

Estendendo-se até o século XX, o termo começou a ser percebido pela sociedade ocidental como um influenciador dos valores morais e intelectuais, à medida que o termo "civilização" começa a ser compreendido, principalmente na Europa, como marcador do

---

[18] AZEVEDO, André Nunes de. Da Monarquia à República: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906. 1v. Tese (Doutorado em História), Rio de Janeiro Pontifícia Universidade Católica, 2003. p.27.

[19] Ibidem. p.34

[20] ELIAS, N. *O processo civilizador*. *[s. l.]*: J. Zahar, 1993. ISBN 857110106X. p.36

[21] AZEVEDO, André Nunes de. *Da Monarquia à República: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906*. 1v. Tese (Doutorado em História), Rio de Janeiro Pontifícia Universidade Católica, 2003. p.30.

[22] RODRIGUES, Marinete Aparecida Zacharias. *Reflexão sobre a ideia de progresso: a produção do antigas e o controle dos comportamentos sociais no século XIX*. p.51.

orgulho social, a partir do seu arcabouço intelectual - ou seja, o "nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão de mundo"[23]. Essa percepção de si faz com que os europeus enxerguem uma espécie de superioridade diante do mundo que dominam. Ou seja, mediante um progresso que se desenvolvia de forma comparada, aqueles compreendidos como inferiores eram subjugados a partir dessa perspectiva de civilização que representava o padrão dominante. Obviamente, quando se hierarquiza as sociedades pelo seu grau de "civilização", parte-se do pressuposto de que "a sua é a maneira como o mundo e os homens como um todo querem ser vistos e julgados"[24], e isso representa uma auto imagem nacional.

Com a Revolução Industrial, a compreensão de civilização, através do seu desenvolvimento material, ganhou força ainda no século XIX. O entendimento de um desenvolvimento material que vinha desde o Setecentos, passou a referir-se ao progresso, no século XIX. Para Guizot[25], existiam várias civilizações em níveis de civilização, progresso e desenvolvimentos diferentes. Para ele, "civilização", entendida no singular, logo pensada como progresso da História, resultava fundamentalmente do aperfeiçoamento de dois aspectos de uma sociedade: o seu desenvolvimento social e o intelectual"[26] Para Nicéforo: "O conceito de progresso social, enfim (e não somente, então, de progresso material, ou somente de progresso moral ou intelectual etc.), indica um melhoramento de junção das condições de vida material, intelectual, moral, através do tempo"[27]. Dessa forma, a ideia de progresso teve seu ápice a partir da Revolução Industrial, acompanhada da ideia de civilização, novamente sendo associadas ao desenvolvimento científico e material das indústrias, e carregando consigo a ideia de avanço, aprimoramento e continuidade.

Para aquelas nações que almejam se inserir no rol das civilizadas, entrar no ritmo do progresso seria o necessário para atingir os novos tempos. O país precisava desenvolver seu arcabouço científico e a França teve um papel de exemplaridade importante, sendo Paris o primor e o modelo das civilizações do mundo. Baudelaire[28], importante crítico da modernidade durante a segunda metade do século XIX, parte do entendimento de modernidade dentro da tensão entre aquilo que é compreendido como velho ou antigo, ou aquilo que exprime o novo ou atual. Nesse cenário, podemos perceber uma tentativa de

[23] ELIAS, N. op. cit, p.23.
[24] Ibidem p.25
[25] Guizot. Civilisation en Europe. Paris, 1828. p. 15. Apud: Febvre. Op. cit. p. 35.
[26] Starobinsky. Op. cit. p. 11 e Febvre. Op. cit. p. 35-36. Apud: Azevedo. p.35
[27] Nicéforo. Op. cit. p. 45. Apud: Azevedo. p. 36.
[28] BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1997.

compreensão do que corresponderia ao antigo e ao moderno, a partir das transformações do espaço urbano, entendidas como fluidas no tempo. A partir dessa compreensão fluida do tempo presente, a modernidade passa a ser compreendida por Walter Benjamin[29] - leitor de Baudelaire e crítico da modernidade - não na oposição entre o moderno e o antigo, mas no momento transitório de tensão entre ambas as partes, sendo esse elemento transitório capaz de tornar essas temporalidades mais fluidas e incertas. Dessa forma, para Baudelaire a modernidade trata-se da "autoconsciência de uma época radical, porque, ao identificar-se pelo novo, que no instante seguinte estará superado, a modernidade passa a reger-se por um tempo que se auto consome"[30]. Nas palavras de Walter Benjamin, "A modernidade assinala uma época; designa, ao mesmo tempo, a força que age nessa época e que a aproxima da antiguidade"[31] Para Benjamin, em "As Flores do Mal", de Baudelaire, o "spleen" é justamente essa busca pelo novo: "O spleen interpõe séculos entre o momento presente e o que acabou de passar. É o spleen que incansavelmente gera 'antiguidade'. E, de fato, em Baudelaire, a modernidade não é outra coisa que a 'mais nova antiguidade'"[32]. Essa perspectiva quebra com a oposição absoluta entre novo e velho, moderno e antigo. Tais pontos podem ser percebidos no texto "O Pintor da Vida Moderna", quando Baudelaire descreve a beleza;

> Toda beleza contém, como todo fenômeno possível, algo de eterno e algo de transitório — de absoluto e de particular. A beleza absoluta e eterna não existe, ou não é mais que uma abstração extraída da superfície geral das belezas diversas. O elemento particular de cada beleza vem das paixões, e como temos nossas paixões particulares, temos nossa beleza.[33]

Em fins do século XIX e inícios do século XX, a Europa passa por grandes transformações, tanto no estilo de vida da população, como também, na própria configuração das cidades e na organização do trabalho. As tumultuadas metrópoles, agora, industriais, modificaram para além do ambiente fabril a vivência cotidiana das pessoas no âmbito da cidade. O modo de vida, assim como a paisagem local, se modifica à medida que essa cidade

[29] BENJAMIN, Walter. *Baudelaire e a modernidade*. Autêntica, 2015.
[30] GATTI, Luciano. *Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire*. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 50, p. 164, 2009.
[31] BENJAMIN, Walter; DIAS, Antônio. *A modernidade e os modernos* . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p.16.
[32] GATTI, Luciano. *Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire*. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 50, p. 164, 2009. Apud, BENJAMIN, Walter. *Das Passagen-Werk*. In: Gesammelte Schriften V. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1999. p.423.
[33] GATTI, Luciano. *Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire*. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 50, p. 164, 2009. Apud, BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade*. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1997.

começa a se tornar uma cidade de fábricas, de forte fluxo de pessoas, automóveis, bondes elétricos, ferrovias, aviões, inclusive, de meios de comunicação mais eficazes, como o telefone. Ou seja, a rapidez dessas novas tecnologias e a forma como elas percorriam o cotidiano das cidades causaram certa sensação de descompasso do indivíduo com esse novo tempo acelerado pelo capitalismo industrial[34]. A Paris de meados do século XIX ao XX é um belo exemplo de cidade na qual as grandes transformações vindas com a Revolução Industrial começam a influenciar um novo olhar sobre o seu cotidiano. Dessa forma, a missão de reconstrução da cidade tinha o dever de ressignificar também a imagem medieval que representava a cidade até então, para dar lugar à modernidade dos novos tempos, à modernidade das multidões. Para Walter Benjamin, Paris destaca-se como lugar privilegiado na compreensão da modernidade e suas relações com a percepção de progresso. Nas palavras de Jorge Freitas sobre a obra benjaminiana;

> Metrópole destaca-se como o lugar privilegiado para o desenvolvimento das passagens, das inovações tecnológicas, da moda, da arquitetura, constructos que abrigaram e representaram o desenvolvimento pleno dos conceitos de progresso e de fetiche. Para Benjamin, a metrópole parisiense foi capaz de incorporar ao seu desenvolvimento a "forma do novo meio de produção", no qual o desfecho principal foi a consolidação do imaginário social dos habitantes de Paris sob a forma do culto ao progresso e à fetichização das relações sociais, ambos através das imagens de sonho. [35]

Seguindo essa perspectiva, "ao integrar os marcos arquitetônicos da tradição imperial aos requisitos econômicos e socioculturais da modernidade neoimperial, atribuiu-se ao par tradição/modernidade uma visualidade própria do ideal de cidade-espetáculo"[36]. Dessa forma, podemos identificar as reformulações presentes no imaginário da cidade e na construção de sua própria identidade a partir das crescentes transformações, tanto no campo das ideias, como no espaço físico da cidade. Para Ernani Chave, isso se dá por meio:;

> Da efetivação da promessa de um "ideal" que antes de tudo "é sempre sonhado" através das fantasmagorias. A alegoria da metrópole pode ser compreendida através de dois aspectos fundamentais: pela interpretação da reestruturação material de Paris ocasionada pelas reformas

[34] DA CRUZ, Cyntia Leandro. *Modernidade, percepção e o mundo de Franz Kafka*. Revista do Colóquio, n. 7, p. 112-131, 2014.
[35] DE FREITAS, J. *Walter Benjamin e a Paris Material*. p.12.
[36] BORGES, Maria Eliza Linhares. *O ideal de metrópole moderna: entre o visto e o não-visto.* XXIII Simpósio Nacional de História, ANPUH, p.3, 2005.

> urbanísticas do século XIX e pela constatação da criação de uma cidade de sonhos que atua no imaginário de seus habitantes.[37]

Nesse sentido, Walter Benjamin aponta para um importante conceito de compreensão da cidade de Paris e da modernidade que se construía, entre o novo e o antigo, dentro de sua transitoriedade como marca fluida do tempo. Essa chave de leitura faz da cidade de Paris um local que corresponde à transitoriedade da antiguidade e da modernidade na construção do seu espaço. Nas leituras de Jorge Freitas, ele completa:

> A relação de transitoriedade estabelecida no movimento entre a permanência de elementos antigos e a iminência da novidade na constituição da metrópole parisiense pode ser entendida através da visão de uma cidade cuja estrutura material é sempre mutável. Uma cidade constantemente marcada pelas reformulações urbanísticas que removem do seu cenário as antigas construções para que essas possam ceder o seu lugar às novas, como foi o caso exemplar de Paris. Porém, as ruínas dessa destruição permanecem, visto que as "novas" construções estão fadadas ao mesmo destino das "antigas", a saber, o padecimento, a morte. [38]

Modernizar Paris foi a missão dada a Georges Eugene Haussmann, que tinha como principal objetivo construir a "cidade luz". Ou seja, fazer de Paris a vitrine do progresso para o mundo, capaz de representar a "modernidade" por excelência. Para isso, seria necessário afastar visualmente tudo aquilo que destoa de uma cidade bela, bem iluminada e saneada – e, assim, domesticá-la ao modo civilizado do progresso da modernidade. Para Benjamin:

> A cidade de Paris entrou neste século com a feição que Haussmann lhe deu. Ele realizou a sua transformação da imagem da cidade com os meios mais humildes: pá, machadinha, alavanca, e coisas semelhantes. E que grau de destruição provocaram já estes instrumentos limitados! E como cresceram desde então com as grandes cidades os meios que a podem destruir! Que imagens do futuro provocam! — Os trabalhos de Haussmann estavam no seu auge; bairros inteiros foram destruídos, quando numa tarde do ano de 1862 Maxime Du Camp se encontrava na Pont Neuf. Esperava pelas suas lentes perto da loja de um oculista. "O autor, à beira da velhice, experimentou um daqueles momentos, em que o homem, refletindo sobre a vida passada, vê em tudo estampada a sua própria melancolia. A redução da sua força visual, que a consulta do oculista tinha acusado, fez com que se lembrasse da lei da inevitável caducidade de todas as coisas humanas... Ele, que viajara muito no Oriente, e nos desertos,

[37] DE FREITAS, J. Walter Benjamin e a Paris Material. p.59.
[38] ibidem

> cuja areia é a poeira dos mortos, pensou de repente que também esta cidade cheia de vida à volta dele, deveria um dia morrer como morreram tantas capitais.[39]

A serviço da higiene pública, Paris foi às ruínas, e seu visual medieval de ruas estreitas deu lugar às ruas largas e às avenidas de grande porte, enquanto áreas de lazer e jardins embelezavam a cidade. Para Benjamin, "como ruína, a história se fundiu sensorialmente no cenário. Sob essa forma a história não constitui um processo de vida eterna, mas de inevitável declínio"[40]. Em meio a transformações a sua paisagem foi transformada e pensada para o grande tráfego das multidões, dos meios de transportes e do comércio. A cidade foi planejada não apenas para facilitar o fluxo de pessoas e mercadorias, mas também para atender às necessidades de uma política autoritária e policialesca interessada em controlar e disciplinar o fluxo populacional da cidade que afasta as ameaças de insurreições e barricadas da identidade local[41].

Assim como foi planejada e idealizada, Paris se tornou para aquele período a cidade do progresso e da modernidade e, não à toa, as reformas de Haussmann se tornaram famosas entre as metrópoles de dentro e de fora da Europa. Como bem observou Willi Bolle, a partir dessa exemplaridade, a nenhuma sociedade interessava estar fora do âmbito das metrópoles modernas, uma vez que isso significava pertencer à periferia do mundo não industrializado e não civilizado"[42]. Em contrapartida, no avesso dessas reformas de modernização se constituíam espaços da cidade que representavam o seu oposto, locais marginalizados inerentes à modernidade.

A partir desse rápido panorama acerca da historicidade das discussões em torno da compreensão de conceitos importantes imersos no período no qual o presente trabalho procura investigar, o caminho de análise a partir daqui será de compreensão das implicações desses ideais no âmbito urbano de constituição da cidade do Rio de Janeiro recém-republicano.

1.2. Modernidade de Ruínas

---

[39] BENJAMIN, Walter; DIAS, Antônio. *A modernidade e os modernos* . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975. p.20.

[40] BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p.200.

[41] BORGES, Maria Eliza Linhares. *O ideal de metrópole moderna: entre o visto e o não-visto*. XXIII Simpósio Nacional de História, ANPUH, p.2, 2005.

[42] BORGES apud BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. Edusp, 1994.

Sombra gigantesca que lembrava a miséria colonial, o Castelo era como que um fantasma insepulto a apontar nossas origens, próximas de um 'povoado africano' ou uma 'aldeia de botocudos' (...) era o retrato mais visível da barbárie solidamente instalada no coração da capital da nação". [43]

Esse trecho faz referência ao desmonte do Morro do Castelo durante o período de reformas urbanas da cidade do Rio de Janeiro nas primeiras décadas do século XX. As discussões em torno do desmonte do morro começaram ainda nos anos de 1904 com as Reformas Urbanas de Pereira Passos, tendo o morro como um possível alvo das reformas., Contudo, foi apenas a partir de 1920, no governo de Carlos Sampaio, não obstante os embates entre esse prefeito e o conselho municipal, que as obras para o seu desmonte foram intensificadas.[44] Apesar de sua importância histórica para a cidade do Rio - como local de fundação da cidade por Estácio de Sá em 1565 – e de ter se mantido como sítio de importância por corresponder ao nascimento do que conhecemos hoje como Rio de Janeiro, ainda assim o morro foi alvo das reformas urbanas da cidade.

Arrasar ou não o Morro do Castelo foi um assunto amplamente discutido na época, tendo ocorrido uma intensa disputa de sentidos em torno do seu desmonte, que representava para certos grupos o "atraso" da cidade e, por isso, tinha de dar lugar ao progresso da modernidade. Para outros representaria o valor histórico da cidade e por isso deveria ser preservado. Em meio a tensões e disputas acerca da memória sobre o espaço, o Morro do Castelo foi derrubado em 1920 e a partir de suas ruínas o local foi aterrado, aumentando consideravelmente o espaço do centro do Distrito Federal para dar lugar às Comemorações do Centenário da Independência e à Exposição Internacional do Rio de Janeiro, onde as nações civilizadas apresentariam o progresso de seu país. Como justificativa, o argumento sanitarista foi amplamente utilizado com a alegação de que o morro seria um problema de saúde pública para a cidade.

Carlos Sampaio, prefeito da cidade em 1920, em seu discurso de posse aponta para a necessidade de a capital mostrar e atestar o seu grau de civilização. Em suas palavras; "o momento presente é de ação, porque é essencial dar a cidade o asseio indispensável (...) terminar as obras de embelezamento (...) e pôr em prática outros melhoramentos que (...)

[43] MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. 1992. p.109.
[44] KESSEL, Carlos. *A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio*. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001. p. 65.

devem atestar o nosso grau de civilização"[45]. Essa amostra de civilização estaria em exposição durante as comemorações do Centenário da Independência de 1922, após o desmonte do morro e o aterramento da região, o local seria palco do evento.

Nesse sentido, a derrubada do Morro do Castelo e, posteriormente, as comemorações do Centenário da Independência são exemplos de como essa modernidade atrelada às noções de progresso interferem no âmbito concreto do espaço urbano. Segundo Margarida Neves:

> No cenário festivo das Exposições a fantasia dos tempos novos ganha as cores e as luzes que ofuscarão a dura realidade de uma economia fundamentalmente dependente e de uma sociedade rigidamente hierarquizada. Confirmados assim em seu destino de "desterrados em sua própria terra", os cariocas contemplam estas fantásticas exibições e nelas aprendem a lição de um futuro que ilusoriamente situa seu país no rol das nações civilizadas.[46]

A associação da derrubada do morro a uma imagem de progresso, civilização e modernidade para a cidade que condena a imagem de seu passado colonial aponta justamente para formas de conceber o espaço da cidade atreladas às noções de modernidade daquele período histórico, a partir da busca por um marcador de civilização para o país. Ainda acerca das exposições:

> Na sua origem, como na sua vigência enquanto instituições, estas Exposições cumprem sua função educativa na medida em que instauram uma mística que tende por um lado, a considerar uma visão otimista da modernidade e por outro, a diluir os conflitos, tanto aqueles que opõem os pólos centrais do capitalismo às áreas periféricas das sociedades. Em todas estas funções, elas desempenham um papel fundamental para a consolidação de uma certa ordem .[47]

Dessa forma, o desmonte do morro, que representaria o passado de atraso colonial e não o progresso republicano, deu lugar aos pavilhões que apresentariam ao mundo o desenvolvimento do país. Vale ressaltar ainda a lucratividade que o desmonte junto ao aterramento daquela região traria para a região central, favorecendo os setores de infraestrutura urbana da cidade.

Cem anos antes das comemorações do Centenário da Independência de 1922, em 1822, ano em que o Brasil conquistou sua emancipação política, um dos principais objetivos era consolidar o país como um referencial entre a população. Para isso, seria necessário

[45] MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. 1992. P.57 apud - Discurso de posse do prefeito Carlos Sampaio, Correio da Manhã, 09/06/1920.
[46] NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1986. p.17.
[47] Ibidem, p.26.

difundir uma identidade nacional, à altura do novo status independente. Com a abolição da escravidão de 1888 e a proclamação da República em 1889, esses objetivos ressurgem a partir dos interesses de consolidação de um sistema republicano pautado na ordem e no progresso. Esse Brasil republicano adentrava o século XX com seu horizonte voltado para o progresso e para a modernidade, cujo "o novo regime teria que lidar com a projeção de uma arquitetura simbólica do nacional que marcasse a República como a verdadeira entidade representativa da sociedade como um todo"[48]. Ou seja, procurava-se compreender novas formas de identificação nacional ao olhar para um novo horizonte, uma nova ordem econômica, social e política, com um novo conjunto de sonhos, desejos e aspirações[49].

Nas palavras de Marly Motta, "Era o Brasil tentando entrar no ritmo da história, recriando uma nação para o século que nascia; e a maior evidência dessa reiterada aspiração seria transformar a capital 'malsã' em cidade 'maravilhosa"[50]. A partir desse projeto, seguindo essa perspectiva de transformações para a cidade, as reformas no espaço público e no modo de vida da população carioca começam a ser vistas como caminho em direção ao progresso e à civilização dos "novos tempos". Aos poucos a velha cidade, tida como feia e suja, tem os seus dias contados[51].

Dentro das discussões em torno da compreensão da Primeira República, bastante estudada durante a década de 1980, Nicolau Sevcenko aponta para quatro princípios fundamentais, importantes para a compreensão da formação da capital federal no início do século XX. O primeiro é a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória à sociedade tradicional. O segundo, a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante. O terceiro, a política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas. Por fim, a quarta, que corresponde ao cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense[52.]

Tais fundamentos ficam claros a partir da análise do projeto de Reformas Urbanas realizado durante o governo de Pereira Passos, quando "a cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas suas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles

[48] MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência*. 1992. P.66
[49] Ibidem
[50] Ibidem
[51] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 1989.
[52]Ibidem, p.85.

apodrecidos materiais que desabavam"[53]. Naquele momento a cidade passava por conflitos, principalmente, na área da saúde por conta do grande número de doenças espalhadas, como por exemplo, a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. Esses males assolavam a população carioca e, segundo o discurso dominante, proferido por médicos, engenheiros e jornalistas, teria origem nos cortiços e casas de cômodo, que costumavam abrigar um número alto de pessoas no mesmo espaço, e apresentava condições sanitárias precárias - em que pese o fato de que a insalubridade também era uma característica de casas não populares, de fábricas, de escolas e quartéis no período.[54]

Simultaneamente, a cidade era abrigo de milhares de novos habitantes em busca de melhores condições de vida, emprego e moradia, o que aumentava a sua população gradativamente, mais rapidamente do que a produção de moradia adequada. Frente à tamanha problemática sanitarista, o governo começou a intervir no espaço público pautado em argumentos relacionados à saúde pública, como o arrasamento de morros, a realização de aterramentos e elevação do solo, a construção de um porto moderno, a criação de bulevares, o alargamento das ruas e a demolição de habitações coletivas, sendo a edificação de casas mais higiênicas feita em menor número. Logo, o problema da insalubridade se tornou o foco das políticas públicas para a cidade do Rio.

A crise habitacional da cidade e o crescente aparecimento de problemas sanitaristas e epidemias impulsionaram o processo de reformas da cidade sob a alegação de problemas relacionados à saúde pública. Mais do que isso, as reformas buscavam ordenar a cidade torná-la moderna, civilizada e embelezada. Nesse sentido, o principal foco de combate seriam as habitações coletivas, erradicando-as. Mauricio de Abreu traz alguns números para compressão desse processo que já vinha desde o oitocentos;

> Em 1890, a população domiciliada nos cortiços representava o dobro da recenseada em 1888, isto é, mais de 100.000 habitantes. Esse grande aumento populacional, certamente ligado à abolição da escravatura, coincidiu, entretanto, com o recrudescimento das epidemias, o que levou à intensificação da campanha contra os cortiços. Sob pressão direta da Inspetoria de Higiene, vários cortiços foram então fechados ou demolidos a partir de 1890, inclusive o famoso Cabeça de Porco, o maior deles, que abrigava mais de 2000 pessoas e que foi

[53] Ibidem, p.31.
[54] VAZ, Lilian Fessler. Modernidade e moradia. Habitação Coletiva no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ, 2002. p. 35.

> demolido em 1893. O combate aos cortiços continuou pelo restante da década, agravando ainda mais a situação habitacional[55]

Os grandes casarões da região central, antigas habitações da elite colonial, não eram mais interessantes à imagem urbana da cidade do Rio, principalmente, por sua nova clientela, que correspondia, basicamente, a ex-escravizados e aos demais trabalhadores pobres da cidade. Com a demolição dos casarões de moradia popular, essa população pauperizada foi sendo empurrada para regiões importantes da geografia urbana da cidade, à margem de cidade moderna, que basicamente eram a zona portuária com os seus morros, a Cidade Nova e a Lapa, além dos subúrbios, em menor escala, por conta do preço dos transportes ser alto para os trabalhadores. Essas tradicionais áreas de moradia popular aumentaram consideravelmente o seu contingente populacional com a crise habitacional. Nas freguesias contíguas à chamada cidade velha, a densidade domiciliar aumentou mais do que no conjunto da capital, como em São José – que passou de 9,80 pessoas por domicílio para 19,22 –, Santa Rita – de 9,70 para 18,22 –, Sant'Anna – 6,52 para 12,18 – e Santo Antônio – 5,76 para 12,04.[56]

Embora socialmente excluída, aquela população que não condizia com os projetos de progresso e modernidade sob o padrão europeu desenvolvia nesses espaços meios de pertencimento. Ao mesmo tempo, andar pelas grandes avenidas da região central ou pela Rua do Ouvidor, por exemplo, era o momento de se mostrar socialmente, era quando "a burguesia carioca se adaptava ao seu novo equipamento urbano, abandonando as varandas e os calções coloniais para expandir sua sociabilidade pelas novas avenidas, praças e palácios e jardins"[57].

André Azevedo, em diálogo crítico com a historiografia da década de 80, recentemente, voltou a analisar o período de reformas urbanas a fim de investigar, propriamente, as reais intenções de Pereira Passos com as transformações realizadas no período a partir de uma análise puramente técnica dessas reformas. Em seu livro,*A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de*

---

[55] ABREU, Maurício de Almeida. *Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro.* Espaço & debates, v. 37, n. 14, p. 36, 1994.

[56] RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. *Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997. p. 54.

[57] SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. 1989. p.37.

civilização e progresso[58], ele resgata os argumentos técnicos das reformas de Pereira Passos e aponta para a ideia de "cidade organismo", ou seja, a cidade como sujeito e um "corpo" que precisa de cuidados, a partir de uma percepção técnica de cidade atrelada ao cientificismo do século XIX. Ele procura reforçar o caráter técnico das reformas realizadas por Pereira Passos, como forma de pensar a construção urbana da cidade do Rio durante as transformações do início do século, confrontando de certa forma o argumento amplamente social por trás das reformas, muito defendido pelos historiadores sociais da década de 80 e 90, de que o prefeito teria o objetivo maior de excluir as classes pobres do centro da cidade.

Contudo, a fragilidade dessa percepção sobre o espaço é percebida na proximidade das reformas com o padrão estético europeu do que é belo e civilizado, e que não corresponde a uma imagem singular sobre o espaço, tão pouco referente às classes populares. Locais como Cinelândia, Teatro Municipal, Av. Central e as demais obras da realizadas na região central refletem claramente a imagem europeizada, na qual o Rio tenta se enquadrar. O ponto que põe em xeque o argumento levantado é que ao observarmos a partir de exemplos como da cidade de Paris, as demais capitais que buscavam essa mesma referência "moderna" também adotaram essa mesma estética em suas capitais, como por exemplo Buenos Aires.

Nesse sentido, o Rio de Janeiro seria apenas mais uma cidade moderna com as mesmas configurações de um padrão europeu que tenta apagar as singularidades locais (embora não totalmente, é claro), interferindo diretamente na construção de uma identidade local. Romulo Mattos aprofundou a crítica ao trabalho de André Azevedo ao, principalmente, comparar aquilo que seria a intenção de Pereira Passos (nos termos deste último historiador) e os resultados práticos de sua intervenção no tecido urbano carioca, validando a contribuição da historiografia dos anos 1980.[59] Lima Barreto, numa crônica intitulada "Megalomania", publicada na revista *Careta*, em 1920, escreve sobre o desmonte do Morro do Castelo, criticando o seu arrasamento e apontando para as necessidades de obras realmente "vitais", de "utilidade geral e social", além de enfatizar a importância histórica do morro para a identidade da cidade do Rio. Em suas palavras:

> *Não se abre um jornal, uma revista, um magazine, atualmente, que não topemos logo com propostas deslumbrantes e custosos melhoramentos e obras (...) Nesse caminho a prefeitura*

[58] DE AZEVEDO, André Nunes. *A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso*. Mauad Editora Ltda, 2018.

[59] MATTOS, Romulo Costa. *A reabilitação de Pereira Passos e os novos rumos do debate sobre as reformas urbanas no Rio de Janeiro da Primeira República*. In: VIII Colóquio Marx Engels, 2015, Campinas. VIII Colóquio Marx Engels, 2015. v. 1. p. 1-9.

> *deve desapropriar as mostras da rua do Ouvidor e da Avenida, para ampliá-las, embelezá-las, de forma a poder argumentar o número de bonecas de cera, vestidas a capricho (...) De quando em quando, dá-nos essa moléstia e nós nos esquecemos de obras vitais, de utilidade geral e social, para pensar só nesses arremedos parisienses, nessas fachadas e ilusões cinematográficas. Não há casas, entretanto queremos arrasar o morro do Castelo, tirando habitação de algumas milhares de pessoas. (...) O mundo passa por tão profunda crise, e de tão variados aspectos, que só um cego não vê o que há nesses projetos de loucura, desafiando a miséria geral. Remodelar o Rio! Mas como? Arrasando os morros… Mas não será mais o Rio de Janeiro: será toda outra qualquer cidade que não elle (...)*[60].

O historiador Antonio Edmilson Martins Rodrigues faz uso do argumento da "artificialidade" como referência à cidade do Rio de Janeiro durante o processo de reformas, à medida que procurava deixar para trás a memória colonial e tradicional da cidade. Nas palavras de Rodrigues, a cidade passou a ser uma cidade das letras, caracterizada por sua artificialidade, alheia a sua origem e aprisionada ao seu papel de exemplaridade da nação reprodutora de uma modernização que não abarcava sua tradição, atribuindo preferência a valores externos a sua própria dinâmica de cidade. Ser a capital da nação trouxe para a cidade a artificialidade das civilizações modernas vindas do exterior. "Foi para a cidade a perda, definitiva, de seus últimos marcos de cidade-produção. Transformando-se em cidade administrativa, portadora de projetos de ordem e progresso que se limitavam a sua região e que não incorporava a realidade da nação, fazendo-a cada vez mais artificial"[61]. A cidade identificada pelos seus colonos, que conquistou sua relevância conforme se constituía como uma cidade cosmopolita, em suas palavras uma "cidade-produção", passou a ser compreendida por sua artificialidade, alheia ao seu passado histórico. Dessa forma, o seu "papel de exemplaridade de uma nação dependente reproduziu uma modernização que não contemplou sua tradição e que atuou como reprodutora de valores externos que não tiveram tradução na dinâmica da cidade"[62]

A artificialidade que o autor ressalta corrobora o apagamento na cidade do Rio de janeiro de sua própria identidade como referencial de memória para o estado, já que o foco é alargar essa noção de cidade para a percepção de um país. Dentro desse mesmo processo, até mesmo a arquitetura da cidade, identificada como colonial, foi refém das reformas urbanas

[60] Revista *Careta*, 1920. Hemeroteca Digital.
[61] RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. *Em algum lugar do passado. Cultura e história na cidade do Rio de Janeiro*. Capital e capitalidade. Rio de Janeiro: UERJ, p. 11-43, 2002. Pág.26.
[62] Ibidem

direcionadas ao processo da modernidade, entendida como uma nova etapa para o desenvolvimento da nação republicana.

Durante os anos iniciais do século XX, quando se pensava na criação de uma identidade republicana para o Brasil, a noção da civilização em contraponto à de barbárie estava amplamente entrelaçada à concepção de identidade nacional. Para além das restrições com relação ao próprio direito à cidade, tendo em vista que a população mais pauperizada estava sendo expulsa dos centros urbanos a partir do processo de exclusão e segregação das reformas, outra problemática marcante com relação ao período foi a rejeição de memórias tradicionais da cidade, tendo sido negados aspectos africanos e indígenas no cotidiano. Resumidamente, a civilização significava viver o mais de acordo possível com os grandes centros europeus.

Esse ideal de modernidade empregado para a reconstrução da capital federal via a Europa, mais precisamente a realidade parisiense, como principal exemplo de civilização a ser seguido, haja vista a negação do seu passado em detrimento da necessidade de se olhar para o potencial progresso das transformações urbanas naquele momento. A cidade do Rio se encontrava no centro dessa discussão, muito por conta da forte percepção do período - por parte de uma aristocracia carente de transformações - de ser uma cidade "atrasada", ainda presa ao seu passado colonial. Nas palavras de Margarida Neves;

> O Brasil-oficial havia logrado apagar a mancha negra da escravidão. O Estado onipresente se esforçava por dar ao mundo a imagem de uma república de homens livres que caminhava a passos agigantados pela senda do PROGRESSO, onde se alinhavam as NAÇÕES CIVILIZADAS do Ocidente[63]

O grande impasse a ser enfrentado se desenvolve entre aquilo que se almeja no campo das ideias e aquilo que se tem de concreto no país. A realidade europeia de Paris não condizia com os desafios e os resquícios do recente passado escravista do Brasil. O Rio de Janeiro vai se configurar como uma cidade de contradições, tensões e conflitos, entre diferentes ideais de modernidade, profundamente relacionados à reconstrução urbana da cidade.

1.3. Favelas, o avesso da Modernidade

[63] NEVES, Margarida de Souza. *As vitrines do progresso*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1986. p.37.

As reformas urbanas do início do século tinham como principais deveres sanear a cidade e melhorar a mobilidade, além de promover um controle urbanístico, que regulava as formas de habitar e interditava as chamadas "velhas usanças"[64] Já nos anos de 1920, houve o desenvolvimento do urbanismo e a preocupação maior com a necessidade de embelezamento da cidade. [65] Durante a década, houve uma nova crise habitacional, causada pelo crescimento populacional decorrente da imigração europeia, pelo encarecimento de materiais de construção (ambos relacionados com a Primeira Guerra) e o aumento nos preços dos aluguéis: assim, as favelas cresceram exponencialmente.[66]

Com o crescimento da atividade industrial na cidade, havia muita mão de obra atraída por oportunidade de emprego, logo, os espaços de moradia popular continuaram a ser expandir em direção aos morros e aos subúrbios. "De todos os lugares circunvizinhos chegavam diariamente camponeses, que trocavam o seu serviço na roça pelas ocupações de operários… A população pobre aumentava sem aumentar o número de casas"[67]. Ainda havia duas outras diretrizes importantes: adequar a cidade aos novos tempos no plano da utilização do espaço cada vez mais valorizado das cidades e também acomodá-la às novas dimensões do movimento social, ao aumento da presença de atores como o proletariado e a camada média[68].

Vale lembrar que a própria legislação urbanística apontava para certa tolerância com relação às moradias dos morros, desde o início do século XX. Segundo o decreto n° 391, de 10 de fevereiro de 1903, assinado por Pereira Passos, "os barracões toscos não serão permitidos, seja qual for o pretexto de que se lance mão para obtenção da licença, salvo nos morros que ainda não tiverem habitações"[69]. Isso nos leva ao entendimento de que as favelas, nesse primeiro momento, foram vistas como uma possível solução habitacional no Distrito Federal, que se modernizava.

Nem por isso as favelas não escaparam ao olhar dos higienistas, que viam naqueles espaços precariedade, insalubridade e, logo, ameaça à saúde da cidade. A partir desse ângulo,

---

[64] ABREU, Maurício de Almeida. *Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução.* Revista Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 10, 2003. p. 223.

[65] VAZ, Lilian Fessler. *Modernidade e moradia: habitação coletiva no Rio de Janeiro, séculos XIX e XX*. Letras, 2002. pág.53.

[66] MATTOS, Romulo Costa. *Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na primeira república*. 2008. 275f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008. p. 214.

[67] ABREU, Maurício de Almeida. *Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro*. Espaço & debates, v. 37, n. 14, p. 33-46, 1994. Pág 37.

[68] Ibidem

[69] GONÇALVES, Rafael Soares. *Favelas do Rio de Janeiro: história e direito*. Rio de Janeiro: Pallas, 2013. Pág, 50.

para resolver os problemas de insalubridade da cidade "era preciso uma administração competente, inacessível as injustiças políticas e baseadas no princípio da submissão da política a técnica, descompromissados com interesses pessoais ou partidários, e moralmente voltados a defesa do bem comum da nação"[70]. Nesse sentido, a partir da técnica e da racionalidade, aqueles espaços eram encarados como um problema e, por isso, deveriam ser expurgados do espaço urbano.

Mattos Pimenta, opositor feroz da ideia de existência das favelas na capital republicana, exerceu um papel importante na construção representativa das favelas como um problema higiênico e estético nos anos 1920. Ele descreve as favelas como "lepra da estética, (...) que enche de sujeira e de miséria referentemente os bairros mais novos e onde a natureza foi mais pródiga de beleza"[71]. Fica evidente a clara preocupação de Pimenta com as questões estéticas associadas à higiene. Vale ressaltar ainda como o autor faz questão de acentuar em seu discurso um cuidado aos "bairros novos", no caso, da zona sul, que simbolizavam formas modernas de se viver . Isso nos leva a novas ponderações que merecem ser discutidas aqui, haja vista que a partir das reformas de Pereira Passos se acentuou progressivamente a problemática de segregação sobre o espaço urbano entre aquelas regiões das classes mais ricas e aquelas das classes populares.

Nos anos 1920, esse processo foi acelerado, conforme foi afirmado na introdução, incluindo a destruição de um tradicional sítio de moradia popular, o Morro do Castelo, em decorrência de eventos de afirmação burguesa na cidade, como a comemoração do Centenário da Independência e a Exposição Universal do Rio de Janeiro. Novos estudos sobre a os espaços urbanos da cidade do Rio vêm ganhando destaque no campo historiográfico, principalmente, pensando a cidade a partir de suas disputas pelo espaço. Dentro dessa ótica, podemos identificar diferentes construções representativas de espaços que estão em disputa e que, portanto, podem ser ressignificados.

[70] DO PRADO VALLADARES, Licia. *A invenção da favela: do mito de origem à favela. com*. editora FGV, 2016. Pág, 40.
[71] Discurso pronunciado em almoço no Rotary Club em 1926. Apud VALLADARES (2016).

Capítulo II - "Um estilo que não se vê na Avenida Atlântica. É o estilo próprio e inconfundível da Favela!"[72]

Então o Rio é um mistério ?
O leitor quer saber.
Eu digo o que sei – o Rio tem algumas novidades em artigo nacional...
O Rio tem a Favela (...)[73]

As favelas representam uma categoria fácil de identificar, mas difícil de compreender e descrever. Afinal o que é uma favela? Como representar esse espaço em palavras? Essa não é uma tarefa fácil, chega a ser impossível uma definição que seja suficiente para abarcar esse fenômeno. A intenção aqui não é apresentar uma definição para as favelas. Mas, a partir desse capítulo, o presente trabalho vai se debruçar acerca de certas representações sobre esses espaços. Antes mesmo das ações sistemáticas do poder público na década na Era Vargas, as favelas já estavam presentes nas páginas da grande imprensa. Desde o seu início, sua presença na grande imprensa pode nos evidenciar formas de representar a favela naquele espaço e tempo histórico. Desde muito cedo, formas de representar as favelas existiam no espaço público, logo, estereótipos começaram a ser formados.

Na epígrafe e deste capítulo, o autor introduz seu leitor acerca de uma suposta novidade urbana da cidade do Rio, que seriam as favelas, mas ao meu ver, mais do que apresentar aquele espaço ao leitor que desconhece, o cronista indica também uma nova perspectiva representativa sobre aquele espaço. As favelas são praticamente indefiníveis, mas não significa que por trás de suas representações não possam conter indicativos que nos ajude a compreender sua historicidade, ou melhor, as disputas de sentido e interesses por trás da construção daquele espaço e tempo histórico. Para compreender a popularidade e as disputas de sentidos que fariam das favelas símbolos de originalidade e autenticidade naquele período histórico, faz-se necessário, primeiro, tomar a favela como um produto social construído a partir de estruturas de poder específicas.

2.1. Produção Social do Espaço e suas Representações

Apesar da longa elaboração filosófica cartesiana que por muito tempo considerava o *espaço* de forma absoluta, seja como cenário onde os fatos sensíveis simplesmente

[72] BARBOSA, Orestes. "A Favela". In: Bambambã. [1923] Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura - Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1993. pp. 111-116.
[73] BARBOSA, Orestes. "A Favela". op. cit.

acontecem, seja como generalidades eminentes, completamente naturalizada como pano de fundo dos acontecimentos, durante muito tempo o espaço foi apenas percebido como um vazio a ser ocupado. Em contrapartida, Henri Lefebvre (2000) aponta para uma forma de compreender esse *espaço* que melhor agrega a esta pesquisa. Para ele, o espaço não deve ser compreendido por meio de meros fatores naturais, cujas modificações e composição seriam apenas cenários para fatos do mundo sensível, ou apenas vazios a serem preenchidos pela materialidade física que pudesse compô-lo, mas sim como *produtos sociais*[74].

As obras de melhoramento urbano da região central em nome da "modernidade", ou a expansão das favelas pela cidade do Rio, são exemplos de transformações no espaço urbano dispostas a modificar o ambiente da cidade, mas essas modificações não nos servem aqui apenas como pano de fundo geográfico, elas vão além. A compreensão desses *espaços*, segundo Lefebvre, aponta para uma percepção do *espaço* como um *produto social*. Nesse sentido, o espaço social ao mesmo tempo que é efeito, é também causa e razão de si mesma e, portanto, ele é fator de transformação e é transformado por ele[75]. Logo, a produção da cidade deve ser compreendida a partir do espaço que ela ocupa e o mesmo raciocínio pode ser aplicado às favelas em específico. Segundo Lefebvre;

> O espaço não pode mais ser concebido como passivo, vazio, ou então, como os "produtos", não tendo outro sentido senão o de ser trocado, o de ser consumido, o de desaparecer. Enquanto produto, por interação ou retroação, o espaço intervém na própria produção (...) À sua maneira produtiva e produtora, o espaço (mal ou bem organizado) entra nas relações de produção e nas forças produtivas. Seu conceito não pode, portanto, ser isolado e permanecer estático. Ele se dialetiza: produto-produtor, suporte de relações econômicas e sociais[76]

Se o *espaço* é mais do que um cenário ou palco de fatos sensíveis, mas sim um *produto social* e meio de compreensão da realidade e da vida social, podemos a partir deste conceito pensar no *espaço* das favelas como um *produto social*. Contudo, o interesse maior nesse caso é pensar esse espaço a partir das representações associadas a ele, que compõem seu imaginário representativo, e a partir dele compreender como esse espaço é produzido historicamente. As favelas possuem uma série de símbolos e representações construídas ainda durante a Primeira República. Essas imagens constituem parte importante na compreensão

[74] LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.
[75] Ibidem
[76] Ibidem.

urbana da cidade e, consequentemente, de seus moradores. O esforço a partir daqui será de compreender como as favelas foram produzidas representativamente através da imprensa.

Para Moscovici, a concepção de representação pressupõe a ideia de um modo particular de conhecimento real compartilhado por uma comunidade de indivíduos, ou seja, o modo de conhecimento é atribuído de maneira coletiva. A representação de um objeto corresponde, então, a um conjunto de informações, de opiniões e de crenças referentes a esse objeto"[77], que podem ser múltiplas de acordo com quem a representa. Para Arjun Appadurai, as representações e vivências específicas de localidade devem ser entendidas como simultaneamente determinadas por contextos e produtoras de contexto, pois no processo de reprodução da localidade as contingências e a imaginação potencializam a mudança histórica e, nesse movimento, a produção de novos contextos, sejam materiais, sociais ou imaginados"[78].

Nesse trabalho de pesquisa, seguindo Graça Índias Cordeiro, a proposta é "reconhecer o caráter estruturante que os discursos, imagens e performances públicas, cíclicas e quotidianas desempenham na organização e transmissão do conhecimento" sobre as favelas, e "aceitar o seu papel ativo na experiência que dela se tem"[79]. Isso porque "A representação é uma criação, por isso, plena de historicidade no seu movimento de enunciar ou revelar pelo discurso e pela imagem o movimento do mundo"[80]. Historicamente, toda sociedade deixa no seu tempo e espaço uma marca, logo, o espaço torna-se um representante dessa marca como expressão social, fazendo com que esse espaço não seja apenas um dado ou cenário onde acontece a vida social, mas sim "um produto social progressivamente construído pelas sociedades, a sua imagem ou em função da imagem que elas atribuem a si mesmas, na historicidade de suas práticas"[81]

As análises representativas que serão apresentadas nessa pesquisa partem desses pressupostos que, por um lado, compreendem o espaço das favelas como um *produto social*

---

[77] SILVA, Helenice Rodrigues. A História como "*A representação do Passado": A nova abordagem da historiografia francesa*. 2000. Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Ed.). *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Papirus Editora, 2000. p.86

[78] APPADURAI, Arjun. Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996. Apud O´DONNELL, Julia. "Mato Grosso existe: os subúrbios em disputa na imprensa carioca do início do século XX". 2018. p.8.

[79] CORDEIRO, Graça Índias. Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca. Sociologia (Universidade do Porto), n. 13, p. 185-199, 2003.

[80] BARBOSA, J. L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. Revista Geographia. Ano II, no 03, 2000. p. 74.

[81] RACINE, J. B. (1993): La Ville entre Dieu et les Hommes. Anthropos: Paris. Apud; BARBOSA, J. L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. Revista Geographia. Ano II, no 03, 2000.

e, por outro, as suas representações como uma forma de compreender os processos de disputas em torno das imagens representativas das favelas na imprensa, a partir do discurso literário das crônicas, que transitam em torno de representações negativas e positivas.

Para Lefebvre cada agente da produção do espaço possui em torno dele representações estabelecidas que constituem ao mesmo tempo a sua produção social[82]. Se por um lado, a favela é um espaço concebido por pessoas que alimentam uma visão estereotipada em torno da violência, há outras que concebem aquele espaço como espaço de originalidade. Neste contexto, torna-se um espaço ambíguo de sentido que está em constante disputa representativa. O que nos resta é tentar entender os interesses por trás das imagens às quais se quer associar aquele espaço e o quanto podem interferir nas configurações urbanas e sociais do local.

2.2. Favelas: um Produto Social Racializado

Para Lefebvre, as representações implicam em valores determinados por estruturas de poder que determinam o que é ou não valorizado a partir de presenças ou ausências dos parâmetros que considera[83]. O poder, nesse caso, pode ser compreendido como as estruturas que sustentam o mundo social em hierarquias sociais, como por exemplo a colonialidade. Com relação ao espaço social, essas estruturas de poder, os *habitus*, os códigos culturais dos indivíduos são permitidos ou não dependendo do lugar (contexto e cenário social), o que tem relação direta com a construção e a forma como se estruturam as hierarquias sociais[84].

A do Rio de Janeiro é fortemente marcada pela presença negra, haja vista seu longo histórico com o tráfico de escravizados africanos e, posteriormente, seu pioneirismo com o trabalho de exportação, comércio e indústria. Ao longo de sua história, os espaços em que há grande incidência negra são construídos também a partir de estruturas de poder que se conformam de acordo com os interesses da classe dominante. Apesar da abolição, o racismo científico existente no espaço urbano na capital republicana reflete uma série de implicações étnico-raciais nos espaços da cidade.

> O racismo científico funcionou, assim, como um movimento de contrarreforma que buscava articular, num discurso modernizante, positivista, uma força conservadora, realizando aquilo

[82] LEFEBVRE, Henri. La presencia y la ausencia. Contribuicion a la teoría de las representaciones. 1980.
[83] ibidem
[84] SANTOS. Renato E. dos. "Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas". *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 12, n. 1, 2022. pag, 15.

> que Gramsci chamou de "revolução passiva", ou seja, um processo de transformação autoritária que exclui a participação, no novo bloco de poder, das massas e dos grupos populares, inovando o país "pelo alto". A modernização do país, via abolição da escravidão e Proclamação da República, significou, para essa corrente, não a emancipação das pessoas negras, mas sua exclusão das relações de produção quer como mercadorias, quer como trabalhadores livres[85].

Os aspectos étnico-raciais não estão apartados da realidade estruturante da cidade do Rio, tão pouco são meros detalhes de constituição do espaço urbano. Na geografia urbana da cidade, há espaços que possuem marcas claras de distinção social e carregam consigo marcas raciais evidentes. No Rio de Janeiro, ao contrário dos Estados Unidos, não se constituíram espaços urbanos totalmente segregados com distinções claras relacionadas a aspectos étnico-raciais – como, por exemplo, os guetos nos Estados Unidos. Mesmo assim, a cidade ainda incorpora em sua geografia espaços que apresentam símbolos de etnicidade negros predominantes, como por exemplo a Região Portuária, a Cidade Nova e até mesmo certas favelas[86].

As favelas são e eram comumente compreendidas desde seu surgimento na geografia urbana como espaço de pobreza e, portanto, dentro da realidade estruturante de que foi criada seus moradores correspondem a uma população pobre de trabalhadores, que não constituem aquele espaço de forma dada ou natural, mas sim a partir de sua formação social e das relações de poder nele atrelada. "O espaço foi formado, modelado a partir de elementos históricos ou naturais, mas politicamente. Nesse sentido, ele é político e ideológico"[87]. Essa leitura dos espaços urbanos atribui subjetividades a esse espaço na forma estruturada das relações de poder, como por exemplo formas racistas de compreensão e associação das favelas a partir da presença negra - que remonta estruturas colonialistas de poder.

As favelas trazem consigo uma série de símbolos que as individualizam em relação aos demais espaços da cidade, símbolos esses comumente marcados pelo aspecto de ausências, quase sempre em comparação a outras partes da cidade usadas como oposição clara de realidades. Nesse sentido, "a favela é identificada pelo que ela não é e pelo o que não

[85] SALES, Ronaldo. *O nascimento da nação: Estado, modernização nacional e relações étnico-raciais entre o Império e o início da República*. Ciências Sociais Unisinos, v. 44, n. 2, p. 119-129, 2008.

[86] Longe de reduzir esses espaços à presença negra, a cidade é muito mais plural e diversa na sua constituição, mas é também correto que essas regiões compreendem uma identidade negra bastante forte atrelada a esses espaços. O presente trabalho parte dessa perspectiva.

[87] LEFEBVRE, Henri et al. Espaço e política. 2008. p.61.

possui"[88]. Além disso, são também espaços identificados simbolicamente através de aspectos raciais, haja vista que essas relações também constituem e marcam esse espaço. Nas palavras de Renato Santos, são essas "fronteiras invisíveis" que organizam as experiências de espaço, definindo comportamentos aceitáveis e pertencimentos — na verdade, campos de possibilidades e limites, cujo aprendizado é crucial para a reprodução social que, segundo ele;

> Nos auxilia a compreender a complexidade (espacial, temporal e social) das regras das relações raciais no padrão brasileiro: há espaços, lugares, momentos, contextos de interação nos quais, através de comportamentos (que são fruto de comandos e aprendizados) subjetivos (às vezes, bastante objetivos!) a presença negra pode ser aceita, brindada e até valorizada, ou, por outro lado, tolerada, não aceita, reprimida ou repelida[89]

Licia Valladares, em seu livro "*A invenção da favela: do mito de origem à favela",* ainda no primeiro capítulo, aponta algumas relações inicialmente estabelecidas entre os cortiços e as favelas a partir dos seus estudos sobre as o mito de sua origem. Além de constituírem espaços de ausências dos investimentos e poderes públicos, as favelas teriam herdado dos cortiços e casas de cômodo populares o estigma de local das "classes perigosas". Esses estigmas de perigo e de violência associados às favelas acabam por enquadrar as favelas na criminalidade como um dos principais aspectos relacionados à imagem local, para além da associação desse espaço à ambiência de pobreza e insalubridade. O cortiço, "definido como um verdadeiro 'inferno social', era visto como antro da vagabundagem e do crime, além de lugar propício às epidemias, constituindo ameaça à ordem social e moral", um espaço "propagador da doença e do vício", e "locus da pobreza"[90]. Nos estudos de Lilian Vaz[91], os cortiços apareciam em comum associação às favelas, haja vista as edificações precárias que compunham tanto o popular cortiço Cabeça de Porco como o Morro da Favella - antes do termo "favela" ser generalizado como denominação geral para esse conjunto de habitações. Com a perseguição e eliminação de muitos cortiços, e a expansão das favelas, parece então "natural a representação da favela retomar a ideia de doença, mal contagioso,

[88] CARDOSO, Cristiane. O espaço e o lugar na favela: as diferentes representações e identificações sobre a Favela da Maré, Rio de Janeiro. Geosul. Florianópolis, v. 30, n. 59, p. 145-166, 2015.
[89] SANTOS. Renato E. dos. "*Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas*". Boletim Campineiro de Geografia, v. 12, n. 1, 2022. pag, 17.
[90] DO PRADO VALLADARES, Licia. *A invenção da favela: do mito de origem a favela. com*. editora FGV, 2016. pag,24.
[91] VAZ, Lilian Fessler. *Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos—a modernização da moradia no Rio de Janeiro*. Análise social , pág. 581-597, 1994.

patologia social a ser combatida"[92], anteriormente associadas aos cortiços. Sidney Chalhoub, em *"Cidade Febril: cortiços e epidemias Corte Imperial"*, sinaliza com arrasamento do cortiço Cabeça de Porco o início do que seria o "século das favelas":

> A destruição da Cabeça de Porco marcou o início e o fim de uma nova era, pois dramatizou, como nenhum outro evento, o processo ainda em andamento da erradicação dos cortiços cariocas. (...) Como efeito, trata-se de algo inesquecível: nem bem se anunciava o fim da era dos cortiços, e a cidade do Rio já entrava no século das favelas[93].

Esses estereótipos não interferem somente na imagem do espaço, interferem também na imagem de seus moradores. Afinal, "para ali vão os pobres, os mais necessitados"[94], logo, já são naturalizadas em cima daquele espaço imagens que se referem a um tipo específico de morador que compõe esses espaços. Não é mero detalhe, no entanto, que os locais de maior pobreza da cidade abrigavam a população negra, haja vista o contexto histórico de séculos de escravidão. Nesse cenário, a população negra foi a mais pauperizada após a abolição, afinal não contou com o devido amparo governamental de políticas públicas que garantisse a oportunidade de moradia adequada, acesso a empregos mais qualificados ou à educação pública. Logo, não seria absurdo estabelecer uma relação entre a população pobre e a população negra naquele contexto social – ainda pautado nas estruturas de poder do colonialismo. Quando se compreende aquele espaço, que majoritariamente é composto por pessoas negras, como "antro da vagabundagem e do crime", mais do que discorrer acerca do espaço, é também relacioná-lo aos moradores que compunham o local. Janice Perlman aponta para o "mito da marginalidade" capaz de sintetizar bem como esses espaços eram concebidos naquele período:

> Um tipo ideal um indivíduo que vive em meio à imundície e à miséria, marcado pela desorganização social evidenciada na dissolução da família, na anomia, na falta de confiança e cooperação, no crime e na violência; profundamente pessimista e fatalista; parasita e sanguessuga dos recursos públicos, e desinteressado em política; preguiçoso, pouco contribuindo para a economia com seu trabalho ou consumo[95]

---

92 DO PRADO VALLADARES, Licia. *A invenção da favela: do mito de origem a favela. com*. editora FGV, 2016. pag,40.

93 CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial*. Editora Companhia das Letras, 2018.

94 Everardo Backheuser, 1906. Apud: MATTOS, *A Aldeia do Mal* (2004).

95 PERLMAN, Janice. *O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p.165.

A grande imprensa, principal meio de comunicação durante a Primeira República, possui espaço privilegiado na construção desses estereótipos, uma vez que "ao focar o discurso na exacerbação da violência a determinados espaços, esses veículos constroem uma imagem de "sociedade que fica sabendo a quem temer, contra quem se precaver, os lugares a evitar, com quem não conviver"[96]. Tais aspectos reafirmam as estruturas de poder presentes na produção daquele espaço social, que delimita os limites sociais do *espaço,* das classes e da raça. Nesse cenário, existem aqueles locais e estereótipos associados ao ambiente da "ordem", que em geral são positivos aos ideais republicanos, e aqueles estereótipos associados à "desordem", que exprimem negatividade aos locais marginalizados, entre eles as favelas[97].

As favelas desde o início estiveram atreladas a representações estereotipadas como lugar da criminalidade e a grande imprensa da época contribuía para a repercussão desses estereótipos que compreendiam as favelas a partir da imagem de perigo e da marginalidade. Contudo, os esforços de compreensão do "problema" das favelas não passavam da perspectiva de anomia ou patologia, o que de fato não contribuía para uma real reflexão sobre as questões locais e as medidas cabíveis naquele contexto, sem que expulsasse ou desabrigasse a população.

A partir de algumas pesquisas na imprensa da época em alguns dos principais jornais do período, como *Jornal do Brasil* (1920 - 29), *Jornal do Commercio* (1920 - 29), *O Paiz* (1920 - 29) e *Gazeta de Notícias* (1920 - 29), ao se buscar a palavra "favela" na hemeroteca digital, logo surgem inúmeras ocorrências em pequenos trechos nos jornais, na maioria das vezes relacionada a agressões cotidianas entre vizinhos na localidade, motivadas por desentendimentos e questões pessoais[98]. Um aspecto importante é a naturalização daquele espaço como local de violência. No *Jornal do Commercio* há uma chamada intitulada "Cenas da Favela", onde basicamente são retratados casos de conflitos locais. Uma matéria do dia 29 de Maio de 1929 pontua essa normalização do espaço a partir do conflito, por meio do título "Agrediu seu desafeto com uma facada e fugiu":

---

[96] MANSO, Bruno Paes. *Ação e discurso – sugestão para o debate da violência*. In OLIVEIRA, Nilson Vieira (org.). Insegurança pública: reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

[97] ROCHA, Daniella Guedes. *Imagens cristalizadas: a construção dos estereótipos sobre as favelas*. Revista Mídia e Cotidiano, v. 11, n. 3, p. 6-24, 2017.

[98] Isso me intriga porque, diferentemente dos jornais atuais, naquela época era bastante comum ver casos pequenos ocupando parte dos jornais.

> *As cenas da Favela, tradicional nos arroubos da valentia sanguinária entre os seus habitantes, não arrefecem nem se modificam. Ali, na favela, onde o policiamento continua a ser um mito, as questões e as rixas são liquidadas a sangue, conseguindo sempre , ao agressor não se deixar prender pela polícia (...)*[99].

Romulo Mattos, na dissertação de mestrado chamada *A aldeia do mal. O morro da Favela e a construção social das favelas na Primeira República*, explicou que "cenas da Favela" foi um protocolo de leitura duradouro, que passou a anteceder os títulos das reportagens sobre o morro no fim da década de 1900, tendo o poder o poder de resumir em poucas palavras todo um histórico de ataques ao morro.[100] No jornal *O Paiz*, o termo aparece mais na coluna policial, chamada "Casos de Polícia", destinada a divulgar ocorrências - principalmente do 8º distrito policial - sobre os conflitos que aconteciam na região central. Um desses conflitos foi publicado na coluna do dia 22 de novembro de 1920, cujo título é "A Favela é assim":

> *Em um tosco barracão onde reside, na Favela, o estivador Domingos Francisco, com sua companheira Fernandinha, dormia calmamente, quando, de madrugada alta, foi despertado por fortes pancadas na porta do barracão. Levantando-se, mal deu volta à fechadura, precipita-se no barracão, como um furacão, o preto Santos um desordeiro dos mais audazes, e que vinha a requestar, havia dias a Fernandinha. Domingos quiz oppor-se a entrada do perverso Santos, mas foi logo atirado ao chão com um murro valente. Ao murro seguiu-se um tiro de revólver, que o feriu pelas costas (...)*[101].

Aos poucos vão sendo naturalizados discursos que compreendem esses espaços e seus moradores de forma estigmatizada, atribuindo certas imagens pré-estabelecidas pelas estruturas de poder às favelas. Nesse sentido, é indispensável pensar a construção social das favelas sem levar em consideração as questões raciais que também interferem na produção social desse espaço. Um problema evidente nesse contexto é que os discursos a esses espaços são naturalizados, a ponto de não se exercer sobre ele um pensamento crítico e em diálogo com os fatores que constituem e corroboram na sua própria formação social. Tais discursos tratam o aspecto racial com uma perspectiva extremamente negativa e determinista, como forma de naturalizar e culpabilizar a condição social do lugar devido à presença negra, como

---

[99] *Jornal do Commercio,* 29 de Maio de 1920. Hemeroteca Digital.

[100] MATTOS, Romulo Costa. *A "aldeia do mal". O Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004. p. 91.

[101] *O Paiz*, 22 de Novembro de 1920. Hemeroteca Digital.

se fosse um dado natural e não um produto social construído de acordo com as circunstâncias reais com múltiplas dimensões. Nesse contexto, fica evidente a problemática em torno das favelas, haja vista a forma naturalizada com qual passam a ser concebidas a partir da percepção patológica a ser combatida. Essa problematização consiste, segundo Lefebvre;

> Por se contentar em ver um espaço sem concebê-lo, sem concentrar em um ato mental as percepções dispersas, sem reunir os detalhes no todo da ´realidade´, sem apreender o conteúdo em termos de suas relações dentro do continente formal. A denúncia desse erro pode eventualmente ser útil para nos guiar em direção à descoberta de importantes ilusões ideológicas[102].

Ao mesmo tempo, esses estigmas associados à marginalidade e à vadiagem não correspondem a uma realidade absoluta, afinal, as favelas eram, principalmente, locais de moradia de trabalhadores pobres que não tiveram a oportunidade de exercer trabalhos mais qualificados e, consequentemente, não tinham o acesso a melhores condições de moradia. Enquanto isso, apesar de constituir a mão de obra que construiu a "modernidade" urbana da região central, o local de moradia dessa população de trabalhadores não detinha nenhum investimento a não ser para sua eliminação urbana[103].

Como veremos adiante, as favelas pouco a pouco, de acordo com sua expansão urbana, foi ganhando espaços mais recorrentes na imprensa, sendo um dos principais assuntos relacionados ao universo urbano da cidade do Rio de Janeiro. O diferencial, no entanto, é que começa a se evidenciar discursos mais tolerantes acerca desses espaços, olhares mais curiosos acerca da favela que passam a disputar representativamente diferentes sentidos acerca daquele espaço.

2.3. Favelas: do discurso ao leitor

Com relação ao surgimento da denominação favela alguns estudos apontam relação com o conflito de Canudos. A denominação favela sofreu uma série de generalizações com relação ao seu significado, mas o termo Favela se fixou como categoria – apesar das

[102] LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006

[103] ROCHA, Daniella Guedes. *Imagens cristalizadas: a construção dos estereótipos sobre as favelas*. Revista Mídia e Cotidiano, v. 11, n. 3, p. 6-24, 2017.

definições serem ainda hoje complexas de determinar[104]. Desde o mito de origem, e ainda durante a década de 1920, as favelas não eram um fenômeno urbano, mas seus "mitos", "lendas" e "mistérios" já atiçavam a curiosidade de alguns leitores pela peculiaridade em comparação à vida "moderna" da região central.

As favelas tinham seu espaço na imprensa e um deles era destinado ao gênero literário das crônicas. A crônica, de acordo com Julio Ramos, surgiu na modernidade a partir da "experiência de uma temporalidade vertiginosa e fragmentada que anulava a possibilidade mesma de uma obra permanente"[105]. Nessas crônicas seus autores descreviam suas impressões acerca de um espaço específico. Semelhante ao flâneur de Baudelaire, os cronistas eram observadores da cotidianidade da cidade, seus interesses estavam nos miúdos da vida urbana. Para Ramos, o flâneur não é simplesmente um modo de experimentar a cidade. É, sobretudo, um modo de representá-la, e contar o visto"[106]. O cronista parte das práticas habituais e cotidianas que constituem o espaço descrito por ele. Narrar a cidade é o papel dos cronistas, assim como o flâneur. Entretanto, é importante pontuar que são narrativas e constituem um relato do cronista sob sua perspectiva de cidade, e seu relato não está à parte da sua percepção individual, inclusive a própria construção discursiva está sujeita a recursos puramente literários. Portanto, são formas de representação subjetivas caricaturadas. Ainda assim, como fonte podem nos ajudar a compreender aspectos daquele tempo e espaço histórico. As crônicas comumente eram leituras cuja função principal era a de entretenimento, e detinha um tipo discursivo mais informal que aproxima o leitor ao cotidiano narrado. Para Rotker, "dedicada aos pequenos e 'intranscendentes' assuntos cotidianos, dedicada ao interstícios da vida diária, a crônica se oferece como uma espécie de arqueologia do presente"[107].

> O cronista-arqueólogo apresenta uma cidade (e uns cidadãos) que, devido a proximidade e a familiaridade cotidiana, não vemos. Do mesmo modo que os achados arqueológicos revelam um passado daquilo que fomos, esta indagação do presente histórico dos cidadãos termina sendo um reflexo do que estamos sendo[108]

[104] DE QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira. *Sobre as Origens da Favela* (The origins of the 'favela'). Mercator, v. 10, n. 23, p. 33 a 48-33 a 48, 2011.
[105] RAMOS, Julio. *Decorar la ciudad. Crónica y experiencia urbana*. In: *Desencuentros de la modernidad en América Laina: literatura y política en el siglo XIX.* México:Fondo de Cultura Económica, 1989.
[106] ibidem, p.128.
[107] BONFIM, Carlos. Olhares sobre a cidade: humor e crônica urbana. [TESTE] Leitura, v. 1, n. 37-38, p. 15-27, 2006. pág, 21.
[108] ibidem, p.24.

Nesse sentido, as crônicas são meios pelos quais o cronista descreve a cidade e a partir de suas narrativas aproximam aquele espaço ao seu leitor. Vale ressaltar que é uma cidade recortada, são representações que partem da subjetividade de escolha do autor e, portanto, a cidade narrada pelo cronista parte do recorte que ele constrói dela e das escolhas discursivas que decide abordar. Ainda assim, podem nos elucidar interesses por trás de suas narrativas, o que analisaremos a seguir. Afinal, as favelas foram um desses espaços que receberam destaque narrativo em crônicas sobre a cidade. O mistério em volta das favelas levaria muitas vezes ao leitor o pitoresco e o entretenimento. Acomodado na "cidade moderna", era por meio desse estilo de crônicas que os leitores se entretinham com o peculiar da favela. O próximo capítulo mostrará, a partir das análises dos "testemunhos históricos"[109] deixados por cronistas, como esse tipo de assentamento habitacional passou a inspirar análises mais positivas acerca da sua vida social, em meio a estigmas que continuaram a ser produzidos.

[109] Chalhoub e Pereira enxergaram as obras literárias como um *testemunho histórico*, exigindo uma análise em que se tenha "sempre em vista que os sujeitos vivem a história como indeterminação, como incerteza, como necessidade cotidiana de intervir para tornar real o devir que lhes interessa". CHALHOUB, Sidney, PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). *A História contada: capítulos de história social da literatura do Brasil.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 9.

CAPÍTULO III – "A Favela é o Rio, mas o Rio integral, sincero, o Rio tal como Deus o fez"![110]

3.1. A tímida valorização das favelas na primeira metade da década de 1920

Originalidade, autenticidade, exotismo e peculiaridade são características que passam a ser valorizadas num novo cenário. As favelas, dentro desse cenário de valorização de aspectos populares, ganharam destaque ao longo da década de 1920 como um componente artístico e simbólico para a construção do que é ser carioca, e até mesmo brasileiro. Durante essa década esses conflitos de identidade fizeram das favelas um campo de disputas. Essas tensões e disputas giram em torno das tentativas de ressignificação da dimensão simbólica e urbana que as favelas representam para o Rio de Janeiro. Até aqui vimos como os estereótipos sobre elas, cunhados pelas estruturas de poder (racistas), a indiferença do poder público e principalmente a ação da imprensa fizeram da favela o local das "classes perigosas", da miséria e da insalubridade. Nas crônicas de Orestes Barbosa e Benjamim Costallat, que serão analisadas a seguir, essas dimensões não deixam de existir, mas passam a coexistir com uma dimensão positiva. Nesse sentido, as favelas passam a ganhar uma dimensão de sentido que faz delas um produto da curiosidade que cerca o imaginário sobre esses espaços, ao mesmo tempo, também passam a ser compreendidas como um produto de identificação do que é ser "carioca" ou representante de certa "brasilidade". Essas tensões e tentativas de ressignificação sobre a presença das favelas no espaço urbano podem nos indicar o interesse de tornar a favela um produto a ser consumido, nesse primeiro momento muito mais ligada à dimensão simbólica. Conforme esclareceu Rachel Soihet:

> Na década de 20, como resultado da resistência imposta pelos populares – que, apesar de todos os percalços, mantinham suas manifestações culturais –, da influência do movimento modernista e das ideias nacionalistas, começou-se a valorizar a cultura de raiz negra, que

[110] Annibal Bomfim. Revista *Para Todos*, 1927. Hemeroteca Digital.

> passou gradativamente a assumir um lugar reconhecido no espaço público, embora, de modo geral, numa conotação caricatural e/ou marcada pelo exotismo[111].

A análise de fontes desta pesquisa partirá da crônica *"A Favela"*, de Orestes Barbosa, publicada no livro *Bambambã*, de 1923[112]. O autor utiliza a primeira pessoa para narrar impressões e acontecimentos vividos no local. O cronista faz uso de artifícios linguísticos que aproximam o leitor a experiências cotidianas do local apresentado. Ao mesmo tempo fica evidente que o autor retrata aquele espaço para um público que não faz parte daquela realidade e, portanto, ele costuma usar artifícios que descrevem aquele espaço a partir da curiosidade de seus leitores com relação ao certo ar de mistério da Favela, o que expressa a ideia daquele espaço como uma "novidade de artigo nacional". O cronista descreve aquele espaço como "misterioso" – pelo motivo já apontado – e abusa do sensacionalismo, do estigma da criminalidade.

> *O leitor já visitou o Museu do Crime, na Polícia Central? Lá está uma caveira trespassada por um punhal. É o crânio de um marinheiro que foi apunhalado assim na Favela. Sem mutilar-lhe o crânio não se podia tirar o punhal. Para que mutilar? Foi sepultado assim. Fizeram anos depois, por ordem da polícia, a exumação do cadáver e o crânio, como um ex-libris futurista, lá está mostrando como a Favela no crime é original.*

O cronista a todo o momento reforça o estigma da criminalidade e utiliza de uma linguagem que tenta instigar o leitor, enfatizando o perigo da região, que de certa forma pode fomentar ainda mais a curiosidade. Isso fica ainda mais evidente quando se percebe certo tom de aventura na sua narrativa, como se tivesse desbravando um lugar misterioso, perigoso mas original.

> *O morro da Favela ficou como uma lenda na cidade, entretanto, nada mais real do que os seus mistérios. Pouca gente já subiu aquela montanha – raríssimas pessoas chegaram a ver e a compreender o labirinto das baiúcas, esconderijos, sepulturas vazias e casinholas de portas falsas que formam toda a originalidade do bairro terrorista onde a polícia do 8º distrito não vai.*

---

[111] SOIHET, Rachel. *A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Getúlio Vargas*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 86.

[112] BARBOSA, Orestes. "A Favela". In: _____. Bambambã. [1923] Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura - Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1993. pp. 111-116.

As referências em torno da originalidade daquele espaço - entendida como argumento que propõe ser positivo para o local - costumam ser apresentadas pelo cronista, na maioria das vezes, no contraponto às regiões reformadas do Centro e Zona Sul. Barbosa utiliza o componente comparativo, à medida que reproduz a ideia de existência de duas cidades distintas no Rio de Janeiro. Quando o cronista acentua que "Botafogo não o entusiasma porque é postiço", essa justificativa transparece uma ideia de artificialidade nas regiões centrais e da elite. As favelas representam o seu oposto, entendido aqui como um elemento que exprime certa originalidade que o entusiasma por ser supostamente peculiar. Em outro momento da crônica, Barbosa ressalta como "da Favela e zonas congêneres saem a modinha e o samba que as melindrosas mandam comprar, cantam e dançam, com vontade logo de meter a perna de uma vez e quebrar no maxixe autêntico, que é muito mais gostoso que o fox-trott". Novamente, ao indicar que o estilo musical nacional tem vantagens sobre o estrangeiro , o cronista marca o confronto entre elementos correspondentes às "duas cidades" e acentua a marca de autenticidade da modinha, do samba e do maxixe em comparação ao frox-trott - típico dos salões de bailes das elites da cidade.

Aproximando-se do fim da sua crônica, o autor pontua que "na Favela o observador vê uma sociedade de espíritos excepcionais. Talvez a miséria apure os sentidos". Nesse trecho, o escritor tece elogios ao descrever o morador da Favela de certa forma compreende a sua condição precária de moradia como um fator natural (que o tornaria, inclusive, peculiar), e completa e tom positivo: "cada vagabundo da rua é uma inteligência espontânea, criadora de frases que logo a cidade toda aceita e não sabe criar". Barbosa também ressalta ao público curioso que o "baile dos malandros" representa a "beleza de uma batalha em que o talento, a graça e a coragem aparecem na mais franca exibição". Novamente, de forma dúbia, ele elogia e sinaliza a Favela como o lugar de "vagabundos" e "malandros". Mas uma observação importante é que, ao descrever os habitantes da localidade, o cronista costuma usar a "Favela" como um sujeito, um personagem: "a Favela mata sempre que é preciso matar. (...) A Favela tem talento e humor de fazer inveja

Em suma, Orestes Barbosa representa a localidade de forma positiva e tece elogios a sua vida social. É importante pontuar que essa é uma realidade admirável para o cronista, mas, ao mesmo tempo, ele entende a Favela de forma naturalizada, conforme aparece no encerramento da crônica: "O povo desses locais escusos é próprio. São como são, naturalmente, na sua mistura, no seu imprevisto, no seu horror. E por isso tudo é admirável. Eu gosto da Favela."

Em uma crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em 1924, intitulada "A Favela que eu vi"[113], Benjamim Costallat, assim como Barbosa, narra uma visita ao morro da Favela. O primeiro autor também faz uso de uma linguagem informal para apresentar ao leitor a sua Favela, literária. tentando aproximá-lo daquele espaço. O primeiro aspecto que Costallat pontua é o crime: "Vamos ao morro do crime ?... Vamos…", e logo começa a apresentar um cenário de miséria atrelado ao universo da criminalidade. Ao descrever esses aspectos fica evidente, assim como na crônica de Barbosa, certo tom de sensacionalismo, que acentua os estigmas sobre o local.

> *Quase todos os moradores desta Rua da América são ladrões e intrujões. O intrujão é o negociante do roubo. É o comprador e vendedor do objeto roubado... Com a Favela, esta zona daqui é a que mais fornece pensionistas para as prisões. Lá em cima, no morro, é o crime, é a facada, a violência, a vingança, a valentia; cá embaixo, na Rua da América, é o roubo, é a astúcia, é o profissional da gazua e do pé-de-cabra.*

Ao mesmo tempo, de forma um tanto contraditória, o cronista acentua certa especificidade própria da favela que não a tornaria tão perigosa assim. O crime naquela região teria seus "especialistas" e sua "perfeita organização". Isso porque o ladrão "não mora no lugar onde ele opera. Se você quiser estar garantido contra o roubo, venha morar, com toda a paz de espírito, aqui na rua da América…". Apesar dos estereótipos claros de violência associados às favelas naquele período, o autor afirma não ter sentido tamanha sensação de perigo. De forma um tanto dúbia, o reproduz estereótipos de crime associados ao local e também desmente tamanho risco.

> *Falavam-me sempre do perigo de subir à Favela. Nos seus terríveis valentes. Nos seus malandros que assaltam com a mesma facilidade com que se dá bom-dia. O maior perigo que encontrei na Favela foi o risco, a cada instante, de despencar-me de lá de cima pela pedreira ou pelo morro abaixo.*

Outro aspecto importante diz respeito às associações da favela com a miséria. Um ponto particular nesse caso é que são relações que, ao mesmo tempo, estabelecem certa romantização da pobreza em consonância com a população que vive nesses espaços. Nesse sentido, fica perceptível um tipo de discurso que naturaliza essa condição de vida e moradia

[113]COSTALLAT, Benjamim. "A favela que eu vi". In: _____. Mistérios do Rio. [1924]. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura, 1995. pp.33-39.

precária como algo natural para aqueles moradores e, portanto, dá a entender que para eles aquele seria seu "habitat".

> *Deus protege a Favela!... E a Favela merece a proteção divina porque ela é alegre na sua miséria. Aquela gente, que não tem nada, dá uma profunda lição de alegria àqueles que têm tudo.*

Costallat, a todo o momento, vai descrevendo ao seu leitor o panorama da localidade. Outro aspecto recorrente é uma espécie de admiração ao local. Como alguém de fora, o autor não parece interessado em denunciar a pobreza local ou criticar a necessidade de políticas públicas, mas sim descrever ao seu leitor - que também é de fora - um local de diferença e peculiaridades que incitam a curiosidade acerca de uma realidade completamente diferente da cidade formal. "É um estilo que não se vê na Avenida Atlântica. É o estilo próprio e inconfundível da Favela!". Novamente, fica perceptível na crônica como autor compreende as favelas em contraposição à "cidade moderna". Não obstante, o cronista naturaliza a miséria como uma peculiaridade local, aceita pelos moradores como forma de expressão de uma autenticidade que só eles teriam.

> *À noite, tudo samba. Apesar da miséria em que vive, toda a Favela, sambando, é feliz sob um céu salpicado e lindo de estrelas!... A Favela não tem luz. Não têm esgotos. Não tem água. Não tem hospitais. Não tem escolas. Não tem assistência. Não tem nada… Mas a Favela é alegre, lá em cima de seu esconderijo, com o maravilhoso panorama da cidade que se desdobra aos seus pés. A Favela que samba, quando deveria chorar, é um maravilhoso exemplo para aqueles que têm tudo e ainda não estão satisfeitos… Pobre e admirável Favela !...*

No trecho seguinte, Costallat descreve um diálogo dele com uma moradora da região. Esse diálogo - um tanto irônico e sensacionalista, eu diria - naturaliza aquele espaço nos termos dos estereótipos de violência, do vício e da degradação em torno de uma moradora negra. Nesse diálogo o autor descreve as falas da moradora e acentua uma forma de pronúncia que não corresponde ao idioma formal ou erudito. Com isso, o cronista sinaliza certo “primitivismo” da moradora. Ao ironizar a não existência do cinema na Favela, o autor, a partir da resposta da moradora, tenta reforçar o juízo de que para os moradores aquela realidade é natural.

- Aqui não há cinema?

Fizemos essa pergunta a uma negra, ainda moça e faceira, que na porta de seu casebre de zinco procurava alisar a carapinha.

- Pra que cinema?

E os olhos brilhando de inteligência e de malícia, a crioula caiu numa grande gargalhada.

- Cinema ? Oh! meu santo ! Pra quê ? Mas não é 'perciso'! Temos aqui cinema todo dia, toda hora. Olhe, ainda a semana passada, 'tá' vendo aquele barracão vermelho, lá 'prus' lado do 'Buraco Quente', uma crioula pegou fogo nas suas saias com querosene e se alumiou toda que nem uma fogueira ! Tudo isso por causa de um menino bonito, de um 'gigolote', como vocês chamam lá embaixo!... 'Pra' que cinema? Temos cinema todos os dias. Mulheres nuas, tiros, facadas, paus-d'água. 'Pra' que cinema na Favela, se a Favela já é um cinema? 'Pra' que cinema, meu santo?...

Mais do que descrever um espaço, as narrativas construídas por Costallat e Barbosa associam a Favela a um determinado perfil de morador. Tal descrição reflete diretamente a construção de uma imagem cheia de estereótipos não apenas relacionados com a Favela como espaço, mas, principalmente, com seus moradores. O perfil de morador presente nas crônicas fica claro em suas nuances: é uma população negra, que carrega estigmas em torno da pobreza e da criminalidade como algo natural. Quando não se referem de forma direta, usando os termos "negro", "negra", "mulato, "crioula", fazem uso das palavras "malandro", "vagabundo", "capoeira", como referência ao mesmo perfil étnico-racial.

O peculiar nesse caso é que ao mesmo tempo que se exprimem através das crônicas argumentos naturalizados e estigmatizados, também se acentua em ambos os textos o uso de aspectos positivos associados àquela realidade. Contudo, esses argumentos entendidos como "positivos" mais parecem sinalizar a intenção de entretenimento para o leitor exterior àquela realidade. Os dois escritores apresentam um argumento de admiração das favelas pela autenticidade, originalidade e peculiaridade dos moradores, mas mas transparece o interesse pelo que seria pitoresco e peculiar àquele local, diferente do que seria visto na "cidade moderna".

3.2. Cidade, Nação e Favelas

Este trabalho segue a perspectiva dos historiadores Benedict Anderson e Eric Hobsbawm, para os quais o nacionalismo é uma realidade histórica, construída através do tempo. Nesse sentido, Marly Motta vê na década de 1920 um período significativo para se pensar a identidade brasileira devido ao destaque dado às discussões sobre a temática nacional e à originalidade das propostas realizadas.[114] Na arte, na cultura, na literatura ou na própria percepção de identidade brasileira a noção de artificialidade atrelada ao país pela tentativa de "europeização" se tornou um problema para intelectuais que almejavam para o Brasil um movimento de renovação de cunho nacionalista dispostos a criar uma identidade nacional própria para o pais, como forma de identificação coletiva de uma nação com suas raízes. Durante o período de reformas urbanas, a influência européia foi evidente na reconstrução urbana da região central da cidade. Nesse sentido, para Kern (1998)[115], a própria sociedade se auto coloniza à medida que nutre um sentimento de inferioridade com relação à Europa, e continua copiando "servilmente" suas formas artísticas e seus ideais em busca de aperfeiçoamento dentro dos padrões europeus[116].

Blaise Cendrars, amigo de Oswald Andrade e Tarsila Amaral em Paris, veio ao Brasil em 1924 após um convite de Paulo Prado, a fim de descobrir as supostas raízes culturais brasileiras. Influenciados pelo olhar de Cendrars, Oswald e Tarsila voltaram para o Brasil em busca da brasilidade e de nossas influências negras e indígenas. Junto aos modernistas, Cendrars veio para "descobrir o Brasil". Em sua viagem ao Rio de Janeiro, Cendrars fez questão de visitar as favelas cariocas. Admirado por tamanha peculiaridade e originalidade, ficou maravilhado pela riqueza cultural da presença negra naquele espaço. O poeta teria aberto os olhares dos nossos modernistas para as favelas como objeto artístico de destaque para o Brasil[117].

> Então, quando se desembarca no Rio de Janeiro, os olhos são atraídos antes tudo para ver os morros que se sobrepõem à cidade, recobertos de casinhas azuis e de roupas nos varais. É lá em cima que se quer ir! Mas ninguém nunca vai. Imaginem dez, doze colinas de Montmartre de um exotismo surpreendente! 'A Favela é uma selvageria. Não vá lá, Cendrars, você pode ser assassinado, me diziam. O Prefeito do Rio, que era um amigo, me ofereceu um policial

[114] ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Editora Ática, 1989; HOBSBAWN, Eric. Nação e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidades. São Paulo: Companhia das Letras, 1990; MOTTA, Marly Silva da. A nação faz 100 anos...

[115] KERN, Maria Lúcia Bastos. *Arte e ideologia: o modernismo nos anos 20*. Estudos Ibero-Americanos, v. 9, n. 1, 2, p. 175-190, 1983.

[116] Ibidem.

[117] JACQUES, Paola Berenstein. As favelas do Rio, os modernistas e a influência de Blaise Cendrars. *Interfaces*, v. 7, n. 1, p. 185-200, 2000.

> para me acompanhar, o que eu recusei, é claro, e olhem como eu fiz para ir lá mesmo assim, fazer amigos e me liberar. Não existe povo mais cheio de docilidade do que esses negros dos morros e periferias do Rio! (...) Geralmente eu era bem-visto, recebido com o cerimonial que os negros sempre fazem, mesmo os mais pobres, e, em seguida, isso me permitiu retornar várias vezes, sozinho e quando queria, para assistir sessões de música...[118].

Como um dos primeiros estrangeiros interessados nas favelas, Cendrars ficou maravilhado com aquele espaço e seus moradores. Fica evidente certa admiração do poeta pela cultura negra presente nas favelas, e o samba foi um dos principais fatores para a valorização local. O samba dos moradores negros da favela fez dela um local de originalidade para o estrangeiro. É muito comum nesse período a presença do samba junto a argumentos de valorização das favelas. As favelas, até então representadas como o completo avesso de modernidade, passaram a ser compreendidas como um possível elemento moderno de brasilidade. Tarsila do Amaral e Di Cavalcanti, por exemplo, passaram a retratar as favelas em suas pinturas e a valorizar esse espaço no campo artístico do movimento. Para Paola Jacques, Blaise Cendrars teve um papel importante nessa nova maneira de ver as favelas validadas pelos modernistas nos anos 20.

> O poeta, fascinado pela cultura dos negros que habitavam os morros do Rio, entrou realmente nas favelas para conhecer de perto seus habitantes, seus hábitos, e sobretudo, sua cultura singular. Nessas incursões ele descobriu uma enorme riqueza cultural e começou a mostrar uma outra imagem das favelas aos artistas brasileiros, que passaram a seguir esse mesmo caminho de valorização das favelas e de sua cultura, e em particular, da sua música, samba[119].

Fica perceptível como Cendrars compreende as favelas de forma positiva a partir da associação daquele espaço à presença negra. O interesse maior pelo espaço partiu da sua admiração e curiosidade acerca da população negra que vive naquele local. Logo, o olhar de Cendrars a essa população está atrelada às favelas de forma positiva. Segundo Romulo Mattos, aquilo que o poeta suíço radicado na França explicitou em suas recordações sobre o morro, um território negro, vários jornalistas e cronistas vinham sugerindo em seus escritos, embora muitas vezes de forma demeritória. A maioria das notícias sobre os conflitos ocorridos no morro citava os negros como protagonistas, por exemplo. As fotos distribuídas pela grande imprensa, como as de autoria de Augusto Malta, entre outras, geralmente mostravam um morro habitado por afrodescendentes. Portanto, deve ser relativizada a

[118] ibidem
[119] ibidem

perspectiva de atribuir a um estrangeiro ou aos próprios modernistas brasileiros a descoberta do tema da cultura oriunda dos povos africanos nos morros cariocas.[120]

No Jornal *Correio da Manhã* (1923), foi publicada uma matéria sobre uma visita ao Morro do Kerozene, intitulada *"Na cidade da multidão turbulenta e sofredora. Aspectos e impressões de uma visita ao Morro do Kerozene Um olhar pelo bairro do crime e da miséria"*.[121] Com ilustrações do modernista Di Cavalcanti, a crônica não deixa de destacar o cenário de miséria e perigo, mas ao mesmo tempo destaca elementos de originalidade presentes naquele espaço, principalmente, em torno da população negra. O cronista aponta para alguns perfis de moradores que encontrou em sua visita, um moleque, uma preta e um "bamba". Na matéria foi adicionado ilustrações de perfil, evidentemente negro, para cada um dos moradores citados acima. O autor não identificado do texto descreve cada um deles.

[120] MATTOS, Romulo Costa. A "aldeia do mal"... capítulo 2.
[121] Jornal *Correio da Manhã*, dia 22 de Junho de 1923. Hemeroteca Digital.

Correio da Manhã, 22 de Junho de 1923. Hemeroteca Digital.

Primeiramente, o autor aponta para o cenário de miséria em que a população vive, na "encosta barrenta abandonada da cidade", onde mora a "multidão anônima, que vegeta no crime e na miséria". Logo depois começa citar a necessidade de descrever, "na sua pitoresca realidade", os morros cariocas.

> *Os subúrbios tinham Lima Barreto, o intérprete fiel da sua monótona existência. Os nossos morros, porém, ainda não encontraram quem lhes sentisse a rude e brutal poesia, em cuja beleza selvagem se misturam com refrão nostálgicos dos sambas e o drama sangrento dos "bam-bam-bans".*

Ressaltando o perigo iminente da região, o jornalista naturaliza a favela como local de refúgio para bandidos, mostrando o perigo, a criminalidade e a miséria. Ao mesmo tempo, o autor começa a pontuar seus aspectos de originalidade. “Tudo ali tem a sua fisionomia particular, a sua cor própria, a sua expressão: desde os tipos até os costumes”. Dentre essa originalidade própria, o periodista destacou o “Bamba”, “misto do valentão e do malandro”, ou ainda um bom “negociador”, “astroso”, “herdeiro de todas as belas qualidades do capoeira”, “corajoso e destemido”, que supostamente teria herdado todos os graves “defeitos de trapaceiro e ladrão”, até que ficou “preguiçoso” e começou a frequentar a “macumba”.

Ao longo de toda crônica o autor vai descrevendo suas percepções acerca de cada um dos “tipos” de moradores, todos negros - com exceção do português dono da venda. Para o cronista, nenhum deles teria o mesmo “prestígio” que o bamba, porque apenas esse teria o “segredo da fascinação, que é nesses casos o horror”. Fica evidente já no começo da crônica como o autor, de forma contraditória, vai ressignificando positivamente aspectos anteriormente negativos, ao romantizar aquela realidade ou reduzir aquele espaço em torno do seu horror pitoresco, porém, original. O moleque, descrito pelo cronista como “flor de botão do Bambambã”, é naturalizado como um futuro malandro, cuja marca da originalidade do bamba ainda estaria em formação. Em um trecho da crônica, o autor descreve um diálogo com um moleque:

> *-Escuta, guri. Tem saída para a Favela, por esse morro?*
> *- Saída pra Favela?*
> *E a sua boca enorme, onde floriam uns dentes muito brancos, de neve, se abriu toda, numa gargalhada jovial.*
> *Aquele moleque, preto como carvão, sem saber ler nem escrever, vivendo numa casa de taipa, na montanha humilde e odosa, não podia acreditar que nós, homens brancos, “moços da cidade”, fossemos, assim, tão pouco sábios nas coisas mais triviais.*
> *Não saber onde fica a Favela…*
> *Como nos somos, de fato, ignorantes! E como parecemos medíocres e inferiores aos olhos do moleque!*

Nesse trecho fica claro como, para o jornalista, aquele espaço é próprio daquele “moleque”; diferentemente do narrador, “moço da cidade”, aquele menino entende da região, no seu “habitat” o ignorante é a pessoa de fora. Fica evidente como são associadas ao “moleque negro” marcas de originalidade atreladas à favela, entendida como espaço natural, próprio e autêntico. Ao descrever as mulheres do morro, o cronista ressalta a “crioula

dançadeira de samba" da favela, que "simbolizava a perdição, naquele mundo infecto, onde os homens se esfaqueiam com a cala e a simplicidade com que nós do lado de cá nos abraçamos". Novamente, é usado um tom de naturalização da violência e da perdição como marca própria da região. Em relação à outra mulher, "uma preta", viúva do marido, que mora sozinha numa casinha em cima do morro, o autor destaca sua vida sofrida e moradia precária. No diálogo descrito, ele acentua a naturalidade com que a moradora compreende-se parte daquele lugar, conformada com aquela realidade.

> *-O terreno é seu?*
> *-Meu? Qual! É do governo. No dia que quiserem, botam-me daqui para fora. Enquanto, porém, me deixarem sossegada…*
> *E num gesto de quem não pede nada a Deus e nada espera dos homens:*
> *-... irei vivendo.*
> *O seu "palácio", disse-nos ela, ficava junto a barreira, perdendo para o abismo. Quando chove, ela abre-lhe walletas em derredor, para que a enxurrada não o ir lá para baixo.*
> *Nessas ocasiões o vento estremece-o todo. mas ela não teme a cólera do temporal:*
> *-Se eu sei que o meu destino é acabar, uma noite, estirada lá no fundo…*

Ao fim da crônica, o jornalista ressalta as ilustrações do modernista Di Cavalcanti, no que diz respeito à "originalidade desse bairro sujo, encravado no coração da 'urbs', bairro dos criminosos e, principalmente, dos desgraçados, sem luz, sem hygiene e onde só vão os policiais para prender e castigar". A ilustração do artista ofereceria ao leitor "flagrantes maravilhosos de um trecho dessa verdadeira cidade desconhecida, que é o *bairro* negro carioca". Portanto, "admirai-os".

No ano seguinte, a modernista Tarsila do Amaral, pinta o quadro intitulado "Morro da Favela"(1924). Um dos principais aspectos relevantes na representação artística que a pintora faz da Favela é que todas as pessoas representadas são negras - crianças, mulheres e homens - o que nos indica o interesse da pintora de associar aquele espaço à população negra. Também são identificáveis elementos que remetem ao sertão, como por exemplo os cactos, o que pode nos indicar certo interesse na associação das favelas com espaços interioranos, ou melhor, com o primitivismo no qual a pintora busca destacar artisticamente como elemento moderno. Vale lembrar que o conceito de sertão foi importante para o entendimento inicial do morro da Favela, com base na obra de Euclides da Cunha, conforme Licia Valladares escreveu, o morro inicialmente passou a ser associado ao sertões através do mito de origem de Canudos

– a obra *Os sertões* teve papel fundamental[122]. Na década de 1920, a associação desse morro com as paragens sertanejas foi revitalizada por conta do fenômeno do cangaço. Logo, surgiu em revistas ilustradas a figura fictícia de um cangaceiro chamado Zé Favela, conforme abordou Romulo Mattos.[123]

De forma geral, a pintora apresenta uma forma positiva de representação das favelas, haja vista as cores vibrantes e a forma ilustrativa na qual as favelas são representadas na pintura, se afastando da ideia de perigo e criminalidade até então comumente associadas ao local. Nesse sentido, fica evidente, representativamente, um novo olhar acerca daquele espaço, impulsionado pelo olhar modernista, que entende as favelas de forma mais positivada - ou melhor, romantizada. Ainda assim, são representações que reduzem a complexidade desses espaços e camuflam reais problemáticas em torno daqueles espaços, ao mesmo tempo que naturalizam e romantizam sua existência urbana. De qualquer modo, uma característica bastante repetida nas representações do morro da Favela nas artes plásticas estava presente na tela: a falta de simetria das casas, que parecem se amparar umas às outras.[124]

Tarsila do Amaral, *Morro da Favella*, 1924[125]

Em suma, a problemática central dessa perspectiva artística, corresponde justamente à forma como esses espaços subalternizados são compreendidos e representados de forma pictórica, exótica, sempre associando essas características às favelas como se fosse o

[122] VALLADARES, op. cit.
[123] MATTOS, Romulo. A "Aldeia do mal"... capítulo 2.
[124] Idem.
[125] Exposição do MASP "Tarsila Popular". Disponivel em: https://masp.org.br/exposicoes/tarsila-popular

"habitat' por excelência dessa população. A presença negra atribuía às favelas a originalidade e a autenticidade de seus moradores de forma natural sobre aquele espaço. Tanto as representações artísticas modernistas de valorização das favelas, como também os discursos de cronistas sobre as favelas na imprensa, apresentam a mesma problemática de naturalização das favelas, seja como forma de entretenimento exótico ou exposição representativa de autenticidade tipicamente "brasileira" ou "carioca", ambos mobilizados pela elite a partir de seus interesses.

3.3 Favela: Deslumbre Exótico para o Estrangeiro

Foi publicada no jornal *Correio da Manhã* (1926)[126], a visita da comitiva do italiano F. T. Marinetti à Favela. O líder futurista saiu da Itália rumo à América Latina em turnê para fazer propaganda do movimento artístico do Futurismo, como também propagandear os ideais fascistas. A visita foi realizada à noite, e contava com a presença de escolta policial. Evidentemente os estereótipos de crime e violência já estavam dentro do horizonte de expectativa dos integrantes dessa "excursão exótica". Numa visita realizada tarde da noite o esperado era encontrar uma Favela "noturna e bulhenta". Num primeiro momento, a favela mais parecia o seu oposto, tranquila e pacata, o que fez com que seu cenário ganhasse maior destaque no início da crônica. Na descrição do local tomam destaque o cenário de miséria e precariedade, desde a condição das casas, até o mal cheiro que cerca o ambiente. No caminho encontram-se algumas criações, porcos e cabras, e o argumento de descrição remonta ainda a um cenário rural, portanto, entendido de forma mais exótica e primitiva. É exatamente desse exotismo que parte a curiosidade de Marinetti. Durante a descrição da visita fica evidentemente retratado o interesse do futurista pelas peculiaridades do local.

No mesmo dia, mas no *Jornal do Brasil*, foi publicada uma crônica de Gonçalo Jorge, intitulada *"O Verdadeiro Brasil"* (1926)[127]. Fica evidente o interesse do autor de indicar ao seu leitor possíveis caminhos para a afirmação de uma identidade nacional propriamente brasileira encontrada nas regiões "primitivas" da cidade do Rio de Janeiro. Para Gonçalo, "Na actual fase de transformação moral e mental, quando não somos mas aquilo que fomos outrora e nem somos ainda aquilo que um dia haveremos de ser, e nosso povo e o nosso país se destacam pela imprecisão e pela confusão", se faz necessário olhar para a tradição nacional. O autor aponta que o caráter próprio da cidade, sua paisagem "opulenta e doce", é

[126] Jornal *Correio da Manhã*, 19 de Maio de 1926.
[127] *Jornal do Brasil*, 19 de Maio de 1926.

uma paisagem que ameaça desaparecer caso "continuem a aterrar a Guanabara e a derrubar os montes". Como alternativa propriamente "carioca" ao déficit identitário do país, o autor aponta para o "bairro dos malandros e dos pobres" como local de autenticidade para a capital. Em suas palavras, "assim como a Saúde, como o Morro do Pinto, a Favela é o Rio, mas o Rio integral, sincero, o Rio tal como Deus o fez. E tanto mais pitoresco, para ser visto, quando é lá que vive um pouco da alma turbulenta, desordeira e, à sua maneira, épica, da cidade". Fica evidente o interesse do autor nesse mundo da "desordem", completamente oposto à ordem artificial da cidade burguesa, formal, que nada tem de peculiar, exótica e pitoresca, que possa agradar ao estrangeiro Marinetti.

Nessa crônica, o autor aponta para o que Marinetti mostrou em sua visita à favela: aquilo que temos de verdadeiro, próprio e autêntico do Rio. "Ora nosso espírito, a nossa alma verdadeira, profunda e sincera, estão em cem aspectos vedados ao observador que passa superficialmente, nas opulentas avenidas, em cem aspectos que somente aqueles que querem verdadeiramente observar, pode descobrir". Logo em seguida o autor defende essa marca própria da "individualidade livre e forte, banhada de um grande influxo bárbaro" a ser mostrada para Marinetti, assim como todos os estrangeiros que vinham ao país. O cronista chama atenção para o carnaval, as lutas de capoeiras, "mas dos bons, dos velhos capoeiras de antigamente", aspectos relacionados à presença negra da região. O cronista finaliza dizendo que teria organizado para celebrar Marinetti um "programa violento, alegre, estou adorando, e que não deixasse de ser perigoso". O escritor expõe o interesse em mostrar a Marinetti o "Rio e o Brasil tais como eles são, com toda a estranha e virgem selvageria de nossa alma turbulenta e tropical". De acordo com o argumento de Gonçalo, seria então a Favela, com toda a suposta autenticidade da presença negra e as suas práticas "naturais", que faria do Rio um exemplo de originalidade própria, ou do exotismo que procurava Marinetti.

A forma representativa que o autor usa ao descrever os aspectos que faziam da Favela um espaço de originalidade da cidade do Rio reflete estereótipos de perigo, criminalidade, comumente associados aos morros. No entanto, o perigo descrito por Gonçalo é algo que instiga a curiosidade no sentido do futurismo, representa a suposta originalidade do malandro, a suposta originalidade do capoeira. Nessa perspectiva, as favelas seriam o território natural dessa originalidade, da mistura do perigo e da alegria, local por excelência da desordem e selvageria. Desse modo, representativamente, podemos perceber como essa dimensão de "perigo", anteriormente compreendido como um estereótipo negativo, passa por uma ressignificação à medida que esse discurso passa a ser compreendido de forma positiva como marca de originalidade daquele espaço e daquela população. Quando Marinetti vai à Favela,

ele procura encontrar essa favela "noturna e bulhenta", do perigo, mas da alegria, da precariedade mas também do samba, espaços onde experimentaria de fato as práticas negras que constituem aquele território. Fica evidente nesse contexto uma linha tênue entre as tensões representativas que reafirmam estereótipos negativos, ao mesmo tempo que tenta ressignificar positivamente o seu olhar sobre esses espaços a. São imagens em constante disputa, e que também vão ganhando novos contornos.

Romulo Mattos afirmou que, na procura daquilo seria genuíno da cidade do Rio de Janeiro, os cronistas identificaram a violência urbana e os malandros, esses tidos como personagens por excelência das favelas. Dessa forma um tanto peculiar, tanto esses espaços, quanto aqueles personagens foram sendo adicionados à identidade nacional naquele momento.[128] Voltando à visita de Marinetti à Favela, num determinado momento na crônica o autor descreve um suposto diálogo que teve com um morador da favela, chamado Justino, que os guiava no morro. Nesse diálogo o morador quebra de certa forma as expectativas da caravana de encontrar ali a favela "bulhenta" da "desordem" e do samba.

> "Se os senhores pensam que vêm buscar aqui sensações novas para descrições de factos, onde aparecem os nossos homens como elementos perigosos, terríveis, facínoras escorraçados pela polícia e aqui abrigamos a sombra da nossa proteção, iludem-se. Vê-se aqui a pobreza da cidade, a miséria mesma , mas de gente que trabalha, que foge dos meios onde a vida se torna impossível. Aqui há disciplina, ha ordem, o que o senhor poderá observar pelo silêncio que nos cerca nesta hora, onde a vida noturna da cidade apenas começa… (...)"

Com as falas de Justino podemos perceber uma nova imagem acerca daquele espaço que questiona evidentemente os estereótipos atribuídos à favela, que constroem determinada imagem sobre o local em torno do deslumbre de uma aventura, com as práticas e formas de vida da população moradora desse local, sempre compreendidas como exóticas. Ora, Justino aponta justamente o contrário, ali moram trabalhadores que fazem daquele espaço sua alternativa de sobrevivência diante da realidade pauperizada em que vivem Apesar da resposta de Justino, os visitantes ainda insistiam em saber mais sobre o "Sete Coroas", o mais conhecido desviante dos anos 1920.[129] "Mas, Justino há de haver, por certo, algum caso curioso de polícia que nos possa interessar, por exemplo, o Sete Coroas…". O mais interessante nesse trecho é que Justino fala que o Sete Coroa "foi uma lenda criada pela

[128] MATTOS, Romulo. A "Aldeia do mal"... capítulo 2.

[129] É possível conhecer a trajetória de Sete Coroas no trabalho: MATTOS, Romulo Costa. A construção da memória sobre Sete Coroas, o "criminoso" mais famoso da Primeira República. Anais do XV Encontro regional de História da ANPUH Rio – Rio de Janeiro, 23 e 27 de julho de 2012.

polícia e endossada pelos senhores da imprensa que o transformaram num herói do crime". Mais uma vez fica evidente que, efetivamente, o que interessa para quem vislumbra a Favela e os seus "perigos" é o pensamento de encontrar naquele espaço a experiência de aventura, de se chocar com a realidade díspar. Justino ainda completa:

> *Nada disso existe mais. Com a evolução da cidade a favela também evoluiu. As ordens da polícia são cumpridas na cidade; Aqui também não se joga (...) "A favela civiliza-se. Não há dúvida. Já moram aqui muita gente boa, principalmente, da polícia, lá mesmo no Buraco Quente um médico parteiro tem o seu consultório…*

Nos anos 1920, é possível notar um arrefecimento nas representações sobre o morro da Favela, com a ideia de que os casos de violência estariam no passado. Isso se deveu tanto à valorização simbólica que ocorreu em relação às favelas, quanto a uma ação policial desenvolvida no espaço daquela localidade da região portuária, que resultou na sua ocupação, por ocasião da preparação da cidade para os já citados festejos de 1922.[130] Ao fim da visita à favela, o cronista aponta que Marinetti "confessava-se curiosamente impressionado": não tinha visto o povo "bulhento" que esperava, mas sim um "ambiente humano daquela miséria na impressão das choças grosseiras, fechadas e só iluminadas pelas estrelas". A Sra. Marinete completou: "é um bairro de trabalhadores. Merece a observação humana". No fim, Marinetti havia descoberto uma favela de "almas sadias", como aponta o cronista, "para um novo registro de fama nos jornais".

De certo, a excursão de Marinetti à favela foi algo que repercutiu bastante na imprensa.[131] Após sua ilustre passagem pelo Rio de Janeiro aparecem novas crónicas nos jornais . Foi publicada uma crônica no Jornal *Correio da Manhã* (1927)[132], intitulada "Excursão à Favela", de Antenor Nascentes, que cita a visita de Marinetti, mas não apenas dele, mas também de outros estrangeiros interessados em conhece as maravilhas do Brasil e os mistérios e lendas da famosa favela de que ouviram falar.

---

130 MATTOS, Romulo Costa. "O Morro da Favela como o território das 'classes perigosas' na Primeira República". In: GONÇALVES, Rafael Soares, AMOROSO, Mauro e BRUM, Mário. Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2021

131 Esse episódio foi contado em detalhes no artigo: MATTOS, Romulo Costa. "Reino do céu" ou território das "classes perigosas"? O morro da favela no contexto da visita de Filippo Tommaso Marinetti. In: DINIZ, Clarissa, CARDOSO, Rafael. *Do Valongo à favela*: imaginário e periferia. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2015.

132 Jornal *Correio da Manhã*, dia 20 de fevereiro de 1927.

> *O homenzinho ingênuo como era em geral o americano sadio, aproveitando-se das imunidades de que gozam os estrangeiros em nossa terra, tinha passado dias na Favela!. (...) Como é bom ser estrangeiro! Cansados das sensações usuais, desgostos do passado, o artista italiano atravessa os mares e vem sentir na pele o sol dos trópicos. (...) Marinetti queria algo de novo, precisava dar umas 'sacudidas nos nervos lassos'. Mandaram-se aos morros um 'estado dentro do estado'.*

Para o cronista aquele ainda era um espaço do desconhecido, a imagem que se tem desse "outro estado dentro do estado" perpassa os mesmos estereótipos que já se tem sobre aquelas zonas, local do perigo, do exótico e das peculiaridades de uma realidade de vida bem diferente da zona "civilizada". Num determinado trecho da crônica, o autor se questiona: "subir ou não subir; a curiosidade pegava numa ponta e a prudência na outra". Fica evidente que estar naquele local causava no cronista certo medo, mas também curiosidade. Ao saber de uma missa que seria realizada numa igreja do morro, o cronista decide subir. O ponto interessante aqui é que, ao descrever aquele espaço, fica claro como o autor desumaniza os seus moradores, que estariam em um local bárbaro e primitivo. Fica evidente ao tom de surpresa que o cronista expressa ao descrever as pessoas que ele encontra no caminho da missa: "Notei apenas que naquelas caras particulares desabrochar um sorriso de complacência: naquele dia humanizavam-se"; "(...) Ali se tinham mocinhas, senhoras e crianças do nosso povo e iguais às que se veem em todas as igrejas: gente boa, pacífica". Podemos perceber que ao mesmo tempo que o autor estigmatiza os moradores, endossa um olhar tolerante, como se aquela população não fosse de fato como havia imaginado. Ainda assim, não deixa de carregar marcas discursivas que reproduzem estereótipos claros contra aquela população. Ao chegar lá em cima e se deparar com a deslumbrante vista que se tem da cidade no alto do morro, o autor aponta que aquele seria um lugar onde muitas pessoas iriam querer acesso e moradia. Ainda pontua que a compra de terrenos no local valorizaria aquele espaço do morro e, consequentemente, "ninguém mais restará da atual população". Nesse sentido, fica evidente que o problema vai além de sua precariedade física, o escritor inclui, principalmente, os moradores que residem naquele espaço.

Outra crônica, publicada no *Jornal do Brasil* (1927)[133], de João Ribeiro, intitulada *"Favela"*, o autor se questiona da importância que esse tema vem ganhando nas páginas dos jornais. Além de destacar sua dimensão pitoresca que cria curiosidade nos leitores, o cronista evidencia sua relevância para os turistas estrangeiros. Ele justifica:

[133] *Jornal do Brasil*, dia 15 de Maio de 1927.

> *Na favela faltam higiene, iluminação e outras coisas essenciais. É difícil o acesso e só os naturais conhecem as ladeiras que levam ao morro do Querosene. Há porém compensações no panorama de terra e mar que se estende a perder de vista. (...) Não se encontra ali aquele ar de revolta dos miseráveis de Berlim, de Londres e Paris contra a agente rica. Ao contrário, sob o céu risonho, nota-se a alegria dessas lazaronis que se contentam com os recursos da vida imprevidentes, bem que amam mais a música que o dia de amanhã.*

Nesse trecho podemos perceber como o autor compreende aquele espaço e sua população de forma naturalizada, pensando aquele espaço como se fosse um "habitat" para aquela população. Ou descrevendo quase uma anomia com relação à agência dos moradores, ressalta como eles seriam conformados com aquela vida, como se o seu maior interesse fosse a música e não as próprias condições de vida. Vale ressalvar que essas excursões turísticas não estavam interessadas nas condições de moradia daquela população, e sim no deslumbre do "horror pitoresco" que ela representaria ao destoar da realidade palpável dos visitantes, haja vista que, evidentemente, aqueles espaços eram compreendidos como "habitat" daqueles moradores e, por isso, o moradores se conformava com aquela realidade. De certa forma, fica evidente que para o espectador exterior daquela realidade, aquele era o seu local do entretenimento.

Na revista *Para Todos* (1927)[134], Annibal Bomfim, publica uma crônica intitulada *"Habitações Sórdidas descortinando paisagens maravilhosas".* Logo de início o autor aponta para as visitas de Marinetti e Agache à Favela. O autor já começa tratando o assunto como se fosse a mais nova moda do momento. Ao discorrer sobre sua vida na cidade, o cronista aborda "lendas" que percorriam seu imaginário, que compreendiam a favela como local onde se refugiavam os desordeiros da Gamboa e da Saúde. Para o autor, a Favela deveria continuar sendo o "reduto da malandragem". "Acho que aquilo é parte integrante do nosso Rio, é a única tradição carioca em que os vários prefeitos modernizadores não puderam tocar". Para o autor, apesar de vários países do mundo ter o seu exemplar de malandro, no Rio haveria certa diferença:

> *No Rio, a sua ligação a esse morro tão famoso, lhes dá um aspecto mais pitoresco e menos sórdido que nos outros países onde vivem nos "bas-fonds", nas adegas e nos esgotos". (...) Não seria melhor deixá-los nas alturas, onde o oxigênio e o sol purificador combatem em grande parte a falta de higiene das casas onde moram?*

[134] Revista *Para Todos*, dia 24 de setembro de 1927.

Podemos ver claramente como o autor associa a Favela à figura do malandro como forma de destacar o ar pitoresco da localidade. A ideia de autenticidade que o autor ressalta está claramente associada ao morador e a seu "habitat" de forma natural. Quando o autor propõe deixá-los em cima dos morros, transparece uma intenção clara de segregação. A Favela seria apenas um reduto da malandragem.

> *Acabem com as favelas disseminadas pelas encostas dos morros de Copacabana, Vila Isabel e pelos vales o Leblon: urbanizem esses pontos facilmente acessíveis a essas linhas de bondes e a outros meios de transportes. Deixem, porém, a Favela verdadeira entregue a seus primitivos donos (...) os desordeiros que habitam a liberdade e a beleza natural, deixem-nos lá ficar.*

Para Bomfim, as favelas de Vila Isabel, Copacabana e Leblon deveriam ser urbanizadas - entende-se, dizimadas - em contrapartida da Favela "verdadeira", essa, sim, deveria ser preservada. Fica evidente que o que está em jogo é justamente a criação de um símbolo em torno da Favela, mas uma Favela "verdadeira", com sua população "natural". A partir da existência de um símbolo que remete à originalidade e à autenticidade "tipicamente" cariocas, esse espaço ganha utilidade no universo dominante como possível imagem a ser vendida, mas passa longe da ideia de ser gerido politicamente pelo governo. Dentro desse cenário de expectativas, aquela imagem da cidade de cima do morro seria um local de deslumbre da civilização, que os desordeiros, quem sabe um dia, aprenderiam a apreciar: "vivendo naquele ambiente de beleza externa não deve ser difícil aos habitantes da Favela compreenderem e aceitarem as lições e os princípios de beleza interna".

Em suma, a valorização das favelas como um espaço de interesse estrangeiro ou nacional ainda era tributária de estereótipos marcados no imaginário social, em torno principalmente da ausência de segurança . A diferença é que esses discursos sofreram certas ressignificações representativas que fizeram dessa noção de ausência algo positivo, ainda que com certa ironia. Quando se positiva esses espaços a partir de argumentos como os que foram analisados acima, que naturalizam o espaço e moradores em torno de um ambiente de ausência evidente de cuidados públicos, se faz um novo uso daquele espaço. Esses usos atribuem àquela realidade novos problemas em cima do local e de seus moradores. O uso das favelas como forma de entretenimento banaliza problemas evidentes daquele espaço, na medida que enquadra novamente seus moradores em circunstâncias diferentes, como tornar a favela uma experiência de aventura turística, no qual a sua população não passa de um alvo

de curiosidade. Essa dimensão representativa faz desses estereótipos "positivos" aquilo que mascara a própria realidade daquela população, e a romantiza representativamente em torno do pitoresco e da originalidade; entretanto nada mais é do que uma população de trabalhadores muitas sobrevivendo à base da viração diária, ao mesmo tempo que mantém suas práticas de pertencimento próprias.

3.4. Favelas: entre Tensões e Disputas

O *Jornal do Brasil* (1927)[135] publicou uma crônica intitulada "O que é a Favela?". Nela, o autor não identificado aponta para a derrubada de casas no Morro da Favela pelo Departamento Nacional de Saúde Pública. Após sua ida ao morro, o autor descreve suas reais impressões sobre o que é uma favela e defende a medida do poder público de derrubada dos "casebres". O jornalista tenta rebater, a partir de impressões reais sobre o local, aqueles que "derramam lágrimas enternecidas ou mostram assornos de indignação diante da derrubada dos sórdidos casebres da Favela". Para o cronista a situação de insalubridade e condição de vida precária dos moradores da região tornaram insustentável a permanência desses tipos de moradia na cidade. Ele faz questão de descrever essas ausências para o leitor que não estaria querendo ver de fato como a questão da moradia nas favelas era crítica. Oprimidos pela situação de extrema miséria, "quantos homens, mulheres e crianças nela 'vegetam'".

> *(...) cheio de trevas impregnado de umidade e saturado de imundície de um número sem conta dessas habitações toscas, desprovidas de uma gota d'água de um único arremedo de fossa para coletar detritos orgânicos.*

O cronista julga o processo de demolição das casas do morro como uma ação humanitária do Departamento Nacional de Saúde Pública. E aponta para a necessidade de o interessado no debater ir ao local para ter uma dimensão visual e assim compreender as justificativas do governo para a derrubada das casas, em contraposição às "informações tendenciosas" e às "miragens criadas pelo distanciamento do campo visual". O próprio espaço levaria à morte da população da Favela, por sempre viver "isolada da cidade", imersa num ambiente de "histórias sangrentas". Vale ressalvar que a representação segundo a qual os moradores dos morros da cidade viveriam isolados do restante da cidade era comum na Primeira República, e era a expressão de uma distância simbólica criada por intelectuais e

[135] *Jornal do Brasil*, 8 de Novembro de 1927. Hemeroteca Digital.

jornalistas. Em uma crônica intitulada "Fora da Vida", Olavo Bilac citou o suposto caso de uma lavadeira do morro da Conceição que teria completado 33 anos sem visitar o centro da cidade.[136]

Segundo o autor, aquele espaço "sempre viveu órfã da solicitude da Prefeitura". O autor parece justificar a existência da Favela por meio do abandono dos poderes públicos que, consequentemente, teria feito daquele local "escondido" um exemplo de precariedade. Ao fim, ele aponta para a vida dos moradores, que pagavam além do "tributo da miséria, o da desídia dos que deviam velar pela sua saúde e pela sua vida, essa grande mortalha vermelha que cobria o morro da Favela". Em um discurso social possível, e sem que isso resulte em uma tomada de posição em prol daquela população, o cronista apresenta os problemas da localidade como decorrentes do descaso dos poderes públicos.

O urbanista francês Alfred Agache chega ao Rio de Janeiro em 1927 e termina em 1930 a elaboração do plano de "Cidade do Rio de Janeiro, extensão, remodelação e embelezamento", que consiste num esforço da Prefeitura para urbanizar a capital. A cidade do Rio precisava ser mais funcional, mais interligada, mais bela, mas ao mesmo tempo estar imersa em uma concepção moderna de urbanismo. Para Agache;

> (....) a nova ciência de construir e planejar a cidade. É uma ciência aplicada, pois tem um objetivo prático: controlar o desenvolvimento e o crescimento da cidade… Esta nova ciência agrega conhecimentos de diferentes disciplinas. O urbanismo integra o conhecimento do técnico, do sociólogo, do engenheiro, do higienista em uma nova unidade[137].

Em poucas palavras, o urbanismo, essa nova proposta que apresentava com ares de ciência, tomava a cidade como objeto.[138] E as favelas representavam o oposto do que Agache entendia como planejamento urbano. Estimulada pelo crescimento populacional da cidade, a expansão das favelas ao longo da década de 1920 já era digna da preocupação do governo pela sua expansão urbana descontrolada. Agache chegou a ir ao Morro da Favela para analisar de perto as condições da localidade. No *Jornal do Brasil* (1927)[139] consta a notícia: "O urbanista Agache na Favella", descrevendo a visita do urbanista na localidade junto de

[136] MATTOS, Romulo Costa. A "Aldeia do mal"... p. 223.
[137] MOREIRA, Fernando Diniz. *Urbanismo e Modernidade: Reflexões em torno do Plano Agache para o Rio de Janeiro*. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR), v. 9, n. 2, p. 95-114, 2007.
[138] BRUANT, Catherine. "Donat Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada". *In*: RIBEIRO, Luis César de Queiroz, PECHMAN, Robert (orgs.). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
[139] *Jornal do Brasil*, 19 de Julho de 1927. Hemeroteca Digital.

Everardo Backheuser[140] e os engenheiros municipais Armando Godoy, Henrique Vasconcellos, Marques Porto e Amaral Segurado. Os moradores, agradecidos pela visita do urbanista, organizaram uma feijoada para Agache num conhecido armazém da região chamado Santo Antônio. A descrição da visita pareceu mais um dia festivo, no qual o urbanista bebeu e comeu à vontade, e ainda ao "som de uma jazz-band característica". Tratava-se de uma roda de samba, assim como a bebida consumida foi caipirinha. Como foi observado em um trabalho sobre o morro da Favela, os símbolos da cidade, aquilo que seria tradicional, ganhavam forma em contato com o estrangeiro.[141]

Apesar da calorosa recepção, Agache deu seu veredito sobre as favelas com a publicação em 1930 dos seus planos para a cidade: sua completa "destruição". Para ele, essa solução seria importante "não só pelo ponto de vista da ordem social e da segurança como sob o ponto de vista geral da cidade e de sua estética." Para Agache, as favelas representam um mal urbano capaz de manchar a civilização da capital. Para ele, as favelas "constituem um perigo permanente para todos os bairros através dos quais se infiltram. A sua lepra suja a vizinhança das praias e os bairros mais graciosamente dotados pela natureza (...)"[142]. Tal perspectiva sobre as favelas se assemelha a do agente do capital imobiliário Mattos Pimenta, com quem compartilhava as mesmas intenções.

Licia Valladares[143] destaca o papel de Mattos Pimenta como um dos principais opositores das favelas nessa segunda metade da década de 1920. Para Pimenta, as favelas sinalizavam um novo problema urbano, uma vez acrescentava a condenação da estética a um sítio que já era muito criticado por meio dos discursos da segurança e do higienismo. Com patrocínio do Rotary Club - associação empresarial da elite carioca - Mattos Pimenta realizou um filme, chamado *"As favelas"*, no qual retrata cenas da favela e sua situação precária. Aquela autora afirma que Mattos Pimenta foi uma influência para Alfred Agache no que diz respeito à forma como as favelas eram compreendidas.

Tanto Mattos Pimenta como Alfred Agache reconheciam as favelas como um problema urbanístico e sanitário para a cidade e, portanto, apoiavam a sua destruição do espaço urbano da capital. A intenção final de Pimenta era substituir as favelas por conjuntos de prédios capazes de abrigar todo o contingente de pessoas desalojadas. Da mesma forma, a

[140] A atuação desse agente na crise habitacional do Rio de Janeiro na época de Pereira Passos foi detalhada em: MATTOS, Romulo Costa. "Pelos pobres"...
[141] MATTOS, Romulo Costa. A "Aldeia do mal"... capítulo 2.
[142] MOREIRA, Fernando Diniz. *op. cit.*
[143] VALLADARES, Licia. *A gênese da favela carioca. A produção anterior às ciências sociais*. Revista brasileira de ciências sociais, v. 15, p. 05-34, 2000.

resolução dos problemas das favelas para Agache, num primeiro momento, consistia em sua completa destruição do espaço urbano da cidade, para que num segundo momento fossem construídas vilas operárias em regiões como a Zona Norte. Tendo o urbanismo nascido da questão social na Europa[144], Agache reconhecia que uma das problemáticas para o surgimento de favelas na cidade era justamente o descaso e a indiferença dos poderes públicos com aquela população que não tinha condições de possuir uma moradia regular .

> São o resultado de certas disposições nos regulamentos de construção e da indiferença manifestada até hoje pelos poderes públicos (...) Perante as dificuldades acumuladas para obter-se uma autorização de edificar o operário pobre fica descoroçoado e reune-se aos sem teto para levantar uma choupana com latas de querosene e caixas de embalagem nas vertentes dos morros próximos a cidade (...)". Pouco a pouco surgem casinhas pertencentes a uma população pobre e heterogênea, nasce um princípio de organização social, assiste-se ao começo do sentimento da propriedade territorial. Famílias inteiras vivem ao lado uma da outra, criam-se laços de vizinhança, estabelecem-se costumes, desenvolvem-se pequenos comércios: armazéns, botequins, alfaiates, etc[145].

Ainda assim, afastando essa população da região central e as levando para regiões mais afastadas da cidade, agravar-se-ia o problema da segregação - mas aparentemente não era um fator que incomodava o urbanista ou os interesses da classe dominante que ele representava. De acordo com Mendes [146], o próprio cenário urbano da capital, caso o projeto de Agache tivesse sido colocado em prática, teria tornado a problemática da segregação socioespacial da cidade do Rio ainda mais preocupante, tornando as regiões centrais mais elitizadas e trabalhadores mais afastados dos seus locais de trabalho.

Apesar da popularidade das favelas sob uma perspectiva artística ou representante da identidade local para alguns, aqueles espaços eram vistos majoritariamente de forma negativa. Embora na sociedade civil já fossem vislumbrados intensos debates acerca da valoração positiva das favelas, na sociedade política ainda vigorava a decadente noção civilizatória da *Belle Époque*, em pleno fim da década de 1920.[147] As classes dominantes ainda se mantinham nos mesmos interesses de fazer do Rio de Janeiro, efetivamente, uma

---

[144] PECHMAN, Roberto Moses. "*O urbano fora do lugar? Transferências e traduções das idéias urbanísticas nos anos 20*". *In*: RIBEIRO, Luiz César de Queirós & PECHMAN, Roberto (orgs.). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

[145] *Apud, VALLADARES, Licia. op. cit.*

[146] MENDES, José Teles. *O Plano Agache: Propostas para uma Cidade-Jardim Desigual*. Habitus, v. 10, n. 2, 2012.

[147] MATTOS, Romulo Costa. A "Aldeia do mal"... capítulo 2.

capital representante da ordem e do progresso em consonância ao padrão europeu, se afastando do passadismo das heranças africanas ou indígenas. Nesse sentido, a favela permanece como um objeto de tensão em torno de disputas de sentidos sobre esses espaços. Romulo Mattos (2004) nos conta de uma crítica realizada por Mattos Pimenta aos modernistas, que insistiam na valorização de aspectos populares como forma de identificação nacional.

> Ridículo e revoltante é a tendência se vai acentuando entre nós no bafejo de certos espíritos boêmios, de aceitar as favelas como uma característica nossa, uma instituição feliz e interessante, digna de ser legada aos nossos pósteros como tradição nacional. Não, ao intelectuais extravagantes que fazem apologia da malandragem e da sujidade, que exaltam o capadócio e a sordidez, que celebram as senzalas e as fedentinas, e proclamam que isto é brasileiro, que isto é carioca, oporemos nós a voz do bom senso, às regras incorruptíveis da verdadeira arte, os preceitos legítimos da verdadeira ciência, salvando do desmantelo futurista esta obra-prima da natureza que é o Rio de Janeiro.[148]

Em 1930, quando o Plano Agache é publicado, reafirma-se uma posição política sobre as favelas alinhada à classe dominante, reafirmando todos os estereótipos e argumentos para sua desvalorização. Por conta da Revolução de 1930 e do alto custo de sua implantação, o projeto não foi implementado. E devido à ausência de combate por parte dos poderes públicos às questões estruturais que produzem as favelas, essas continuaram a se expandir na cidade do Rio de Janeiro. Da mesma forma, a perspectiva que compreendia esses espaços por sua originalidade ou exotismo – como elemento de identificação carioca e nacional – também continuou a se difundir. As disputas em torno dos sentidos da presença das favelas na urbe da década de 1920 partem dessa tensão. O mais interessante de observar nesse caso são os interesses por trás das disputas e o quanto elas interferem na compreensão histórica desses espaços urbanos.

[148] MATTOS, Romulo Costa. A "Aldeia do mal". p. 159.

Considerações Finais

As influências de modernidade presentes nas reformas construíram um horizonte de expectativa para o Rio de Janeiro em torno dos preceitos da ordem e do progresso como marcadores da civilização, não somente da cidade, mas também do país. Nesse sentido, as reformas representavam interesses políticos específicos em torno da ideia de modernidade estabelecida como padrão do mundo civilizado europeu. O interesse era se afastar do seu passado colonial e fundar a partir do início da República uma nova identidade. Outras reformas, como a que envolveu o caso do Morro do Castelo e das cerimônias do Centenário da Independência, representam bem as interferências desses ideais no âmbito urbano. Ambos os momentos sinalizam os preceitos da modernidade escolhida e defendida para a reconstrução da capital. Em contrapartida, as diferentes reformas urbanas na Primeira República contribuíram para o seu avesso: a expansão urbana das favelas.

A compreensão das favelas como um *produto social* construído, como nos conta Lefebvre[149], evidencia as estruturas de poder que cercam sua configuração na cidade. Tendo em mente essa dimensão, podemos compreender como esses espaços se constituem num ambiente de segregação e marginalização. Renato Santos (2022)[150] nos ajuda a compreender como o fator étnico-racial também influencia a *produção social* desses espaços.

Ao longo desta pesquisa, vimos como a constituição urbana das favelas na Primeira República não corresponde apenas às dimensões políticas e sociais, mas também à dimensão racial. Para analisar o fenômeno das favelas as questões raciais constituem parte no Rio de Janeiro de tal período. Ao mesmo tempo, quando as fontes históricas são analisadas, a feição negra se fez presente, principalmente, quando relacionada a aspectos pejorativos. Nesse sentido, uma problemática evidente nesses discursos era a forma naturalizada que se compreendia as favelas através da presença dos negros. Seja por olhares negativos ou positivos, a naturalização da presença negra atribuía às favelas determinada imagem, a de um enclave negro na capital federal, tendo sido essa uma das mais importantes representações que estiveram na base da generalização da palavra "favela", segundo Romulo Mattos[151]. Apesar de ser um aspecto evidente nas representações sobre as favelas, Brum e Gomes

[149] LEFEBVRE, Henri. "Prefácio - A produção do espaço". Estudos avançados, vol.27, n.79, 2013, pp. [2000].
[150] SANTOS. Renato E. dos. "*Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas*". Boletim Campineiro de Geografia, v. 12, n. 1, 2022.
[151] MATTOS, Romulo Costa. A "Aldeia do mal". p. 262.

(2022)[152] trazem à tona o problema da falta de atenção à dimensão racial como protagonista nas produções científicas sobre as favelas entre as bibliografias mais tradicionais sobre o assunto – felizmente, atualmente essa área de interesse já vem sendo mais amplamente discutida. Afinal, a questão racial foi um aspecto marcante nas representações e imagens que se associaram às favelas através da presença negra, principalmente relacionadas a construção de estereótipos sobre o local.

Rafael Cardoso (2022)[153], no livro *"Modernidade em preto e Branco: Arte e imagem, Raça e identidade no Brasil, 1890-1945"*,já no primeiro capítulo argumenta como desde o surgimento das favelas elas foram associadas à negritude, à barbárie e ao atraso. O autor evidencia como através de suas representações se mascara um legado de desigualdade e discriminação racial. Ao analisar uma série de representações artísticas sobre a favela, o autor evidencia como esses preceitos de descriminação racial reafirmaram estereótipos claros em torno da população negra moradora das favelas, associando um ao outro. Para Cardoso:

> Os discursos constituídos entre 1900 e 1930 associando favelas e negritude serviriam ao propósito de assegurar a alteridade radical dessas categorias na visão das elites dirigentes brasileiras. Só era tolerável ver homens, mulheres e crianças vivendo em condições degradantes, desprovidos de qualquer conforto ou serviço, expostos a todo perigo - em suma, abandonados à própria sorte -, se essa gente fosse considerada menos gente do que quem governava. A desumanidade das condições que viviam precisava ser compreendida como fruto de uma falta inerente de valor e dignidade[154].

Vale ainda ressaltar que, apesar do presente trabalho focar a dimensão da valorização das favelas nos anos 1920, Mônica Velloso [155] apresenta um estudo sobre o humor boêmio do carioca como um elemento de modernidade antes mesmo da Semana de 22. Seu esforço de pesquisa parte da valorização de uma imagem cultural carioca em torno de aspectos populares das raízes afro-brasileiras, como o carnaval e a malandragem, compreendidos através do humor. Logo, o humor das caricaturas, entre outros elementos, pode ser relacionado à ideia de modernidade por conta de dinâmicas cotidianas de sociabilidades, que não deixam de expressar seu valor crítico. Dessa forma, Velloso evidencia um caráter

[152] BRUM, Mario e GOMES, Aluan. "Favela e a questão étnica-racial: a gênese do apartheid urbano brasileiro", em GONÇALVES, R.; BRUM, M; AMOROSO, M. (orgs), *Pensando as favelas cariocas: memórias e outras abordagens teóricas.* Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio/Pallas, 2022, pp. 189-214

[153] CARDOSO, Rafael. Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. Companhia das Letras, 2022.

[154] Ibidem

[155] VELLOSO, Mônica Pimenta. Modernismo no Rio de Janeiro. KBR, 2015.

fragmentado da modernidade. Para Duarte[156], reafirmando a percepção de Velloso, o humor torna-se um possível meio para a modernidade, haja vista que a sátira, através de sua crítica voraz, produz um projeto de significação que pode ser compreendido por meio da identificação nacional. "Esses caricaturistas do Rio de Janeiro não se propuseram a importar modelos artísticos para reconstruir a arte nacional. Eles renovaram uma tradição nacional ao manterem-se num 'humor de resistência'", afirmou o autor[157].

Com relação propriamente aos discursos de valorização das favelas analisados, algumas problemáticas se mostraram evidentes. Em primeiro lugar, aqueles espaços e seus moradores eram naturalizados em torno de estereótipos evidentemente pejorativos. Apesar desses discursos serem pensados de forma "positiva", acabam refletindo um olhar pejorativo, que não contribui para uma real percepção otimista acerca das favelas e seus moradores. Em segundo, esses discursos acabam banalizando as reais condições de vida nas favelas, que mais parecem servir de entretenimento com base na curiosidade e no exotismo. A miséria e a precariedade são percebidas de forma natural e suavizada, como se esse fosse o ambiente por excelência da expressão da autenticidade negra. Em terceiro, esses discursos acabam criando em torno das favelas novos estereótipos que as comportam no espaço simbólico e não no espaço físico. Elementos como a malandragem e o samba como aspectos de originalidade, passam a ser associados às favelas quase que de forma natural.

De maneira geral, a forma como as favelas estavam sendo representadas indicam um movimento de ressignificação desses discursos dentro das disputas representativas.. Os argumentos utilizados como elogio à autenticidade dos moradores, à originalidade dos malandros, à viração cotidiana apesar da condição de vida precária, mas ao mesmo tempo como sendo características próprias daqueles moradores, todos guardam uma associação das favelas com um perfil negro de morador, naturalizando a ideia de um "habitat" próprio. Tal problemática reduz aquela população e as favelas a características pejorativas endossadas pelo discurso de uma identificação própria do Rio de Janeiro. Logo, a miséria como aspecto naturalizado faz dos moradores negros um tipo próprio e natural daquele ambiente. Esse tipo de pensamento suaviza a percepção da precariedade, ao mesmo tempo que faz desse lugar um espaço de expressão de autenticidade e peculiaridade local. Assim, a dimensão crítica sobre o espaço dá lugar à banalização das favelas como um entretenimento exterior àquela realidade, assim como a expressão artística que enquadra as favelas dentro do campo simbólico, ao

[156] DUARTE, Rodrigo Aldeia. *Modernidade e tradição nos modernismos brasileiros*. Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 2, n. 3, 2003.
[157] Ibidem.

mesmo tempo que continua a perseguição dos poderes públicos sobre esses espaços no ambiente urbano. Talvez, esses sejam interesses os quais fazem das favelas um *produto social* a ser consumido para o entretenimento a partir de sua dimensão simbólica – já na década de 1920 –, de acordo com os interesses de certa parcela incipiente dos intelectuais e mesmo da elite dominante. Sendo, inclusive, capaz de comportar as favelas dentro de uma dimensão evidentemente mais interessante, haja vista que sua expansão urbana, já caminhava para o descontrole governamental. Seja como for, é importante atentar para a questão da agência dos moradores das favelas e lembrar que essa valoração positiva das favelas é também o resultado da resistência de sua resistência no espaço público, uma vez que mantiveram suas práticas culturais, efetuaram negociações cotidianas com diferentes setores sociais, e promoveram uma incessante luta pela cidade ao longo da Primeira República – sendo esses agentes históricos membros de uma classe trabalhadora que conseguiu se constituir naqueles anos, apesar de todas dificuldades e limitações estruturais.

Em suma, o presente trabalho parte de um esforço inicial de pensar a produção social das favelas durante um período importantíssimo de sua afirmação no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro. Analisar esses discursos de valorização ajuda, inclusive, a compreender melhor os aspectos que fizeram das favelas espaços de crescente popularidade na década de 1920, quando também aumentou significativamente a aceitação social do samba, tendo havido uma associação nas representações entre esse estilo musical e aquele tipo de assentamento habitacional – embora o samba só tenha se tornado um símbolo nacional na Era Vargas.[158] Ainda assim, o exercício de reflexão sobre esses aspectos iluminam a forma como as favelas até hoje são compreendidas. É inegável que durante sua incipiente formação como fenômeno social essas representações também se firmaram no imaginário social, e a partir disso, com o passar do tempo, novos usos foram sendo feitos sobre esses espaços, como por exemplo o turismo local que tem sido uma problemática recorrente nos dias de hoje e que merece uma pesquisa mais aprofundada. Outro possível desdobramento desta pesquisa diz respeito à forma como os próprios moradores compreendem esses espaços diante das representações sociais - decerto, tal enriqueceria essa pesquisa, e evidenciaria novas formas de compreensão das favelas, enriquecida pela noção de pertencimento própria de cada um.[159]

[158] MATTOS, Romulo Costa. A "Aldeia do mal". p. 179.

[159] Esforços para a compreensão do comportamento político de tais moradores podem ser encontrados no artigo: MATTOS, Romulo Costa. Shantytown Dwellers Resistance in Brazil First Republic (1890 1930): Fighting for the Right of the Poor to Reside in the City of Rio de Janeiro. International Labor and Working Class History , v. 83, p. 54-69, 2013.

Seja como for, esta pesquisa ajuda a refletir sobre determinadas problemáticas relacionadas com as favelas em seu período inicial e lança questões para futuras análises.

Referências Bibliográficas

ABREU, Maurício de Almeida. Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. Revista Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. 10, 2003.

ABREU, M. Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas no Rio de Janeiro. Espaço e Debates, 1994.

ANDERSON, Benedict. Nação e consciência nacional. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ANSEL, Thiago. A favela e suas luminosidades na História Cultural. Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, v. 7, n. 13, p. 4-19, 2013.

APPADURAI, Arjun. Modernity At Large: Cultural Dimensions of Globalization. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

AZEVEDO, André Nunes de. A grande reforma urbana do Rio de Janeiro: Pereira Passos, Rodrigues Alves e as ideias de civilização e progresso. Mauad Editora Ltda, 2018.

AZEVEDO, André Nunes de. Da Monarquia à República: um estudo dos conceitos de civilização e progresso na cidade do Rio de Janeiro entre 1868 e 1906. 1v. Tese (Doutorado em História), Rio de Janeiro Pontifícia Universidade Católica, 2003.

BAUDELAIRE, Charles. Sobre a modernidade. São Paulo, SP: Paz e Terra, 1997.

BARBOSA, J. L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. Revista Geographia. Ano II, no 03, 2000.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Ed, 1992.

BENJAMIN, Walter. Baudelaire e a modernidade . Autêntica, 2015.

BENJAMIN, Walter; DIAS, Antônio. A modernidade e os modernos . Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin. Edusp, 1994.

BONFIM, Carlos. Olhares sobre a cidade: humor e crônica urbana. [TESTE] Leitura, v. 1, n. 37-38, p. 15-27, 2006.

BORGES, Maria Eliza Linhares. O ideal de metrópole moderna: entre o visto e o não-visto. XXIII Simpósio Nacional de História, ANPUH, p.3, 2005.

BRUANT, Catherine. "Donat Alfred Agache: urbanismo, uma sociologia aplicada". *In*: RIBEIRO, Luis César de Queiroz, PECHMAN, Robert (orgs.). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

BRUM, Mario e GOMES, Aluan. "Favela e a questão étnica-racial: a gênese do apartheid urbano brasileiro", em GONÇALVES, R.; BRUM, M; AMOROSO, M. (orgs), Pensando as favelas cariocas: memórias e outras abordagens teóricas. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio/Pallas, 2022, pp. 189-214

CARDOSO, Cristiane. O espaço e o lugar na favela: as diferentes representações e identificações sobre a Favela da Maré, Rio de Janeiro. Geosul. Florianópolis, v. 30, n. 59, p. 145-166, 2015.

CARDOSO, Rafael. Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890-1945. Companhia das Letras, 2022.

CORDEIRO, Graça Índias. Uma certa ideia de cidade: popular, bairrista, pitoresca. Sociologia (Universidade do Porto), p. 185-199, 2003.

CAMPOS, Andrelino. Do quilombo à favela: a produção do" espaço criminalizado" no Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2005.

CHALHOUB, Sidney. Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial. Editora Companhia das Letras, 2018.

DA CRUZ, Cyntia Leandro. Modernidade, percepção e o mundo de Franz Kafka. Revista do Colóquio, n. 7, p. 112-131, 2014.

D'ANGELO, Martha. A modernidade pelo olhar de Walter Benjamin. Estudos avançados, v. 20, p. 237-250, 2006.

DE CASTRO GOMES, Ângela Maria. Essa gente do Rio...: modernismo e nacionalismo. Editora FGV, 2022.

DE FREITAS, J. Walter Benjamin e a Paris Material. Disponivel em: https://gewebe.com.br/pdf/cad11/jorge.pdf

DE QUEIROZ FILHO, Alfredo Pereira. Sobre as Origens da Favela (The origins of the 'favela'). Mercator, v. 10, n. 23, p. 33 a 48-33 a 48, 2011.

DO LAGO, Luciana Corrêa. Desigualdades e segregação na metrópole: o Rio de Janeiro em tempo de crise. Observatório IPPUR/UFRJ-FASE, 2000.

DINIZ, Clarissa, CARDOSO, Rafael. Do Valongo à favela: imaginário e periferia. Rio de Janeiro: Instituto Odeon, 2015.

DUARTE, Rodrigo Aldeia. Modernidade e tradição nos modernismos brasileiros. Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social, v. 2, n. 3, 2003.

ELIAS, N. O processo civilizador. [s. l.]: J. Zahar, 1993.

EWALD, Ariane P. Tecnologia e progresso: tecnologia e progresso: o Brasil civiliza-se asil civiliza-se no século XIX. Novas tecnologias.

GATTI, Luciano. Experiência da transitoriedade: Walter Benjamin e a modernidade de Baudelaire. Kriterion: Revista de Filosofia, v. 50, p. 164, 2009.

GONÇALVES, Rafael Soares. Favelas do Rio de Janeiro: história e direito. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

HOBSBAWM, E. “Introdução: a invenção das tradições”. In: HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
JACQUES, Paola Berenstein. As favelas do Rio, os modernistas e a influência de Blaise Cendrars. Interfaces, v. 7, n. 1, p. 185-200, 2000.

KESSEL, Carlos. A vitrine e o espelho: o Rio de Janeiro de Carlos Sampaio. Rio de Janeiro: Secretaria das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2001.

KERN, Maria Lúcia Bastos. Arte e ideologia: o modernismo nos anos 20. Estudos Ibero-Americanos, v. 9, n. 1, 2, p. 175-190, 1983.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l’espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LEFEBVRE, Henri. et al. Espaço e política. 2008.

LEFEBVRE, Henri. La presencia y la ausencia. Contribuicion a la teoría de las representaciones. México: Fondo de Cultura economica, 1980.

MANSO, Bruno Paes. Ação e discurso – sugestão para o debate da violência. In OLIVEIRA, Nilson Vieira (org.). Insegurança pública: reflexões sobre a criminalidade e a violência urbana. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

MATTOS, Romulo Costa. *A* “aldeia do mal”. *O Morro da Favela e a construção social das favelas durante a Primeira República*. Dissertação (Mestrado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

MATTOS, Romulo Costa. A reabilitação de Pereira Passos e os novos rumos do debate sobre as reformas urbanas no Rio de Janeiro da Primeira República. In: VIII Colóquio Marx Engels, 2015, Campinas. VIII Colóquio Marx Engels, 2015.

MATTOS, Romulo Costa. As “classes perigosas” habitam as favelas: um passeio pela crônica policial no período das reformas urbanas. Desigualdade e Diversidade: Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio, n. 5, 2009.

MATTOS, Romulo Costa. “O Morro da Favela como o território das ‘classes perigosas’ na Primeira República. In: GONÇALVES, Rafael Soares, AMOROSO, Mauro e BRUM, Mário. Pensando as favelas cariocas: história e questões urbanas. Rio de Janeiro: Pallas: Ed. PUC-Rio, 2021.

MATTOS, Romulo Costa. Pelos pobres! Campanhas pela construção de habitações populares e discursos sobre as favelas na Primeira República..Tese de Doutorado (2008). Tese (Doutorado em História)–Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MATTOS, Romulo Costa. Shantytown Dwellers Resistance in Brazil First Republic (1890 1930): Fighting for the Right of the Poor to Reside in the City of Rio de Janeiro. International Labor and Working Class History , v. 83, p. 54-69, 2013.

MENDES, José Teles. O Plano Agache: Propostas para uma Cidade-Jardim Desigual. Habitus, v. 10, n. 2, 2012.

MOREIRA, Fernando Diniz. Urbanismo e Modernidade: Reflexões em torno do Plano Agache para o Rio de Janeiro. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR), v. 9, n. 2, p. 95-114, 2007.

MOTTA, M. S. da. A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência. [Rio de Janeiro]: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1992.

PECHMAN, Roberto Moses. "*O urbano fora do lugar? Transferências e traduções das idéias urbanísticas nos anos 20*". *In*: RIBEIRO, Luiz César de Queirós & PECHMAN, Roberto (orgs.). *Cidade, povo e nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PEREIRA, Leonardo Affonso. A Cidade que dança. Clubes e bailes negros no Rio de Janeiro (1881-1932). Campinas: Editora da UNICAMP, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020.

PEREIRA, L. A. de M. "Da Providência à Favela: os trabalhadores e a ocupação de um morro da região portuária do Rio de Janeiro (1856-1901)". *Revista de História*, n. 182, p. 1-28, 2023.

PERLMAN, Janice. O mito da marginalidade: favelas e política no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

NEVES, Margarida de Souza. As vitrines do progresso. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1986.

RAMOS, Julio. Decorar la ciudad. Crónica y experiencia urbana. In: Desencuentros de la modernidad en América Laina: literatura y política en el siglo XIX. México:Fondo de Cultura Económica, 1989.

RACINE, J. B. (1993): La Ville entre Dieu et les Hommes. Anthropos: Paris. Apud; BARBOSA, J. L. A arte de representar como reconhecimento do mundo: o espaço geográfico, o cinema e o imaginário social. Revista Geographia. Ano II, no 03, 2000.

RECHDAN, Luis Henrique. O despertar da modernidade nas passagens de walter benjamin. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 34, 2007.

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. Dos cortiços aos condomínios fechados. As formas de produção da moradia na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: IPPUR, UFRJ: FASE, 1997.

ROCHA, Daniella Guedes. Imagens cristalizadas: a construção dos estereótipos sobre as favelas. Revista Mídia e Cotidiano, v. 11, n. 3, p. 6-24, 2017.

ROCHA, Oswaldo Porto. A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro: 1870-1920. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento geral de Documentação e Informação Cultural, 1995.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins; OAKIM, Juliana. As reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro: uma história de contrastes. 2015.

RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. Em algum lugar do passado. Cultura e história na cidade do Rio de Janeiro. Capital e capitalidade. Rio de Janeiro: UERJ, p. 11-43, 2002.

RODRIGUES, Marinete Aparecida Zacharias. Reflexão sobre a ideia de progresso: a produção do antigas e o controle dos comportamentos sociais no século XIX.

SANTOS, Lyndon de Araújo, "Essa fina gente do morro: ocupação, conflitos e representações da Mangueira (1910-1930)". In: ABREU, Martha; XAVIER, Giovana; BRASIL, Eric (orgs.). *Cultura negra vol. 1 : festas, carnavais e patrimônios negros* Niterói: Eduff, 2018

SANTOS. Renato E. dos. "Expressões espaciais das relações raciais: algumas notas". Boletim Campineiro de Geografia, v. 12, n. 1, 2022.

SALES, Ronaldo. O nascimento da nação: Estado, modernização nacional e relações étnico-raciais entre o Império e o início da República. Ciências Sociais Unisinos, v. 44, n. 2, p. 119-129, 2008.

SEVCENKO, N. Literatura como missão : tensões sociais e criação cultural na Primeira Republica. 2. ed. rev. e atual. [s. l.]: Companhia das Letras, 2003.

SILVA, Helenice Rodrigues. A História como " A representação do Passado": A nova abordagem da historiografia francesa. 2000. Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir (Ed.). Representações: contribuição a um debate transdisciplinar. Papirus Editora, 2000.

SOIHET, Rachel. A subversão pelo riso: estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VALLADARES, Licia Prado do. A invenção da favela: do mito de origem à favela. com. editora FGV, 2016.

VAZ, Lilian Fessler. Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos—a modernização da moradia no Rio de Janeiro. Análise social , pág. 581-597, 1994.

VAZ, Lilian Fessler. Modernidade e moradia. Habitação Coletiva no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: 7 Letras / FAPERJ, 2002.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Modernismo no Rio de Janeiro. KBR, 2015.

VIANNA, Hermano. “Prefácio”. In: GARDEL, André. O encontro entre Bandeira e Sinhô. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1996.

ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos. “Introdução”. In: ZALUAR, Alba, ALVITO, Marcos. Um Século de Favela. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

Fontes

BARBOSA, Orestes. “A Favela”. In: _____. Bambambã. [1923] Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura - Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1993. pp. 111-116.

COSTALLAT, Benjamin. “A favela que eu vi”. In: _____. Mistérios do Rio. [1924]. Rio de Janeiro: Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro/Secretaria Municipal de Cultura, 1995. pp.33-39.

Jornal do Brasil (RJ), 15 de Maio de 1927. Hemeroteca Digital.

Jornal do Brasil (RJ), 8 de Novembro de 1927. Hemeroteca Digital.

Jornal do Brasil (RJ), 19 de Maio de 1926. Hemeroteca Digital.

Para Todos (RJ), 24 de Setembro de 1927. Hemeroteca Digital.

Jornal *Correio da Manhã (RJ)*, 20 de Fevereiro de 1927. Hemeroteca Digital.

Jornal *Correio da Manhã (RJ)*, 19 de Maio de 1926. Hemeroteca Digital.

Jornal do Commercio (RJ), 19 de Maio de 1929. Hemeroteca Digital.

O Paiz (RJ), 22 de novembro de 1920. Hemeroteca Digital.

Jornal *Correio da Manhã* (RJ), 1923. Hemeroteca Digital.

Revista *Careta* (RJ), 1920. Hemeroteca Digital.